



Universidade Federal da Bahia

Instituto de Letras

Departamento de Letras Vernáculas

Rua Barão de Jeremoabo, 147, *Campus* Universitário – Ondina, Salvador, Bahia. CEP: 40170-290

Telefone: (71) 3283-6237. Fax: (71) 3283-6208. E-mail: let03@ufba.br

RAFAEL LUZ SERAFIM

**DO GERÚNDIO AO GERUNDISMO: MUDANÇA E
PRECONCEITO LINGÜÍSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado Geral dos Cursos de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel.

Área de Concentração: Língua Portuguesa

Orientador: Prof. Doutor Américo Venâncio
Lopes Machado Filho

**SALVADOR
2008**



Universidade Federal da Bahia

Instituto de Letras

Departamento de Letras Vernáculas

Rua Barão de Jeremoabo, 147, *Campus* Universitário – Ondina, Salvador, Bahia. CEP: 40170-290
Telefone: (71) 3283-6237. Fax: (71) 3283-6208. E-mail: let03@ufba.br

RAFAEL LUZ SERAFIM

**DO GERÚNDIO AO GERUNDISMO: MUDANÇA E
PRECONCEITO LINGÜÍSTICO**

Monografia para obtenção do grau de Bacharel em Letras

Salvador, 11 de agosto de 2008

Banca Examinadora:

Américo Venâncio Lopes Machado Filho (orientador) _____
Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Rosa Virgínia Mattos e Silva _____
Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo
Universidade Federal da Bahia

Sônia Bastos Borba Costa _____
Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

A meus pais, a minha irmã , aos familiares e
aos amigos que me ajudaram durante este
percurso.

AGRADECIMENTOS

A Américo Venâncio Lopes Machado Filho, pelo aprendizado, pela orientação deste TCC e pela paciência e confiança no meu trabalho.

A Lícia Maria Bahia Heine, pelo incentivo e por me apresentar à Análise do Discurso, disciplina, esta, que pretendo conhecer mais após a conclusão do bacharelado em Letras.

À amiga Herbene, pela amizade e pelo apoio acadêmico em momentos de dificuldade que passei.

À amiga Daniele Florence, pela tradução do meu Resumo para o Abstract. Se eu confiasse no meu inglês básico de 1º e 2º, nunca conseguiria fazê-lo.

A tantos colegas e amigos que “quebraram o maior galho” para mim, ao longo desses anos de graduação.

Aos Operadores de Teleatendimento por existirem. Sem esta profissão, não teria me motivado a desenvolver um trabalho de conclusão de curso sobre o “gerundismo”.

E aos gramáticos normativistas, pois, sem eles, não teria argumentos para criticá-los.

Por isso eu vou na casa dela, ai, ai
Falar do meu amor pra ela, vai
tá me esperando na janela, ai, ai
Não sei se vou me segurar (...).

(Targino Gondim/Manuca Almeida/Raimundo do Acordeon)

RESUMO

Desenvolveu-se, no Brasil, uma tendência de emprego do verbo *ir* – deveras curioso – em várias centrais de relacionamento com o cliente. Identificado como “gerundismo”, isto é, uma estrutura iniciada pelo próprio verbo *ir* em forma finita do presente do indicativo + o verbo *estar* no infinitivo + o gerúndio de outro verbo, considerada impertinente, até mesmo, indesejável, por parte dos falantes das chamadas normas cultas e, sobretudo, pelos gramáticos normativistas. Partindo-se da hipótese de que não se trata de um fenômeno exclusivo aos profissionais que trabalham nesses ambientes, ou seja, aos operadores de teleatendimento, buscou-se investigar esse fenômeno, tendo por suporte metodológico o *Corpus do Português*, base de dados de 45 milhões de palavras, disponibilizado na *Internet*. No intuito de reafirmar uma suspeita inicial de que o “gerundismo” vem co-ocorrendo com as perífrases sintéticas do verbo *estar* + gerúndio, foi criado, para a pesquisa, um *corpus* de controle, extraído de entrevistas publicadas nos jornais *A Tarde Online* e *Correio da Bahia Online*, ambos da cidade de Salvador, no estado da Bahia. Verificou-se que não é o gerundismo um fenômeno novo, mas patente desde cedo na língua portuguesa, conquanto sua frequência tenha se ampliado sobremaneira a partir do século XX.

Palavras-chave: Linguística histórica, história da língua portuguesa, mudança linguística, gerundismo.

ABSTRACT

This work aims to analyze the occurrences of “gerundismo” in Brazilian Portuguese, a new tendency that has been recently created. It’s been used by several Client Relationship Centrals and it’s been very curious. This phenomenon is the morfematic use of the verb *to go*, a structure that starts with the use of “to go” in the Simple Present tense form + the *to be* verb in its infinitive form + the gerund of other verb. It’s considered unpleasant and unwished by regular speakers and normative grammar. But, it’s not an isolated event exclusively used by Call Center Operators. As a Methodology Support to this research it was used the website “Corpus do Português”. It has been developed also a Control Corpus using interviews taken by *A Tarde* and *Correio da Bahia* online newspapers, both from Salvador, Bahia. Using these dates, it was verified that the gerund carries the stigma in the analytic structure. However, the verb *to go* helps to create a tendency to analitize the syntactic periphrases of the verb *to be* + ing together with the verb in the nominal form of gerund would be responsible for this weird feeling that the structure denotes.

KEY WORDS: Historical Linguistics, Portuguese language history, linguistic change, “gerundismo”.

SUMÁRIO

Lista de figuras	09
Lista de tabelas	10
Lista de abreviaturas e siglas	11
INTRODUÇÃO	12
1. OBJETIVOS E METODOLOGIA	17
1.1 <i>Corpus</i> do Português	18
1.2 <i>Corpus</i> de Controle	18
2. AQUI SE VAI ESTAR ENTENDENDO O GERÚNDIO	21
2.1 O Gerúndio no processo de romanização da língua portuguesa	21
2.2 O Gerúndio em crioulos de base portuguesa	25
2.3 O Gerúndio em estruturas monoverbais da língua portuguesa	26
2.3.1 Que dizem os gramáticos	27
2.3.1.1 Bechara (2006)	27
2.3.1.2 Almeida (1985)	28
2.3.1.3 Campos (1980)	28
3. PERÍFRASES COM O GERÚNDIO	30
3.1 Verbo <i>estar</i> + <i>-ndo</i>	31
3.2 Verbo <i>ir</i> + <i>-ndo</i>	40
3.3 Outras perífrases com gerúndio e o “gerundismo”	42
4. RESULTADOS	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	66
Anexo 1. Decreto Nº 28.314, de 28 de Setembro de 2007 – Demite o gerúndio do Distrito Federal e dá Outras Providências	66
Anexo 2. Mau Uso do Gerúndio vai parar em Diário Oficial	67
Anexo 3. A Praga das bobagens Solenes – Malu Fontes	69
Anexo 4. Maldito Gerúndio – Hélio Pólvora	70
Anexo 5. A Retórica no <i>Call Center</i>	71
Anexo 6. Caça ao Gerundismo	72
Anexo 7. Gerundismo – Ricardo Freire	73

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gráfico sobre a Produtividade do verbo <i>estar + -ndo</i> , de 1500 a 1900's no (CP)	52
Figura 2 – Gráfico sobre a Produtividade do verbo <i>estar + -ndo</i> [Fpres e Fpret] + [vg*], no (CP), nos anos de 1900's, quanto aos gêneros textuais	53
Figura 3 – Gráfico sobre a Comparação entre as perífrases sintéticas do verbo <i>estar + -ndo</i> e o “gerundismo”, nos anos de 1500's a 1900's (CP)	55
Figura 4 – Comparação entre as Perífrases Sintéticas e a Analítica do verbo <i>estar + -ndo</i> , no (CP), quanto aos gêneros textuais	56
Figura 5 – Gráfico sobre a Composição do CPD do século XX	58
Figura 6 – Gráfico sobre a Comparação entre as perífrases sintéticas do verbo <i>estar + -ndo</i> e o “gerundismo”, no (CC)	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Comparação entre estruturas do verbo <i>estar</i> + <i>-ndo</i> e outros verbos de ligação + <i>-ndo</i> , no (CP)	51
Tabela 2 – Número de ocorrências entre os anos de 1500's e 1900's das construções sintéticas do verbo <i>estar</i> + <i>-ndo</i> e da perífrase analítica, o “gerundismo”, no (CP)	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
CP	Corpus do Português
CC	Corpus de Controle
CB	Correio da Bahia Online
JAT	Jornal A Tarde Online
LP	Língua Portuguesa
SAdv	Sintagma Adverbial
SN	Sintagma Nominal
SV	Sintagma Verbal
P.A.	Português Arcaico
PE	Português Europeu
PB	Português Brasileiro
TC	Tempos Compostos
LV	Locução Verbal
[Fpres]	Futuro do Presente
[Fpret]	Futuro do Pretérito
[v*]	qualquer verbo em forma finita ou nominal
[vg*]	qualquer verbo no gerúndio
PtAc	Textos Acadêmicos do Português de Portugal
PtN	Notícias do Português de Portugal
PtFc	Textos de Ficção do Português de Portugal
PtOr	Textos do Português Oral de Portugal
BrAc	Textos Acadêmicos do Português do Brasil
BrN	Notícias do Português do Brasil
BrFc	Textos de Ficção do Português do Brasil
BrOr	Textos do Português Oral do Brasil
#	ACERTOS / Ocorrências

INTRODUÇÃO

Para quem cursa ou cursou Letras Vernáculas, sobretudo em um Instituto que proporciona a seus alunos uma visão mais ampla em relação às possibilidades que podem encontrar nessa área do conhecimento, a exemplo do estudo da língua portuguesa numa perspectiva textual, histórica, dialetológica, filológica, discursiva, entre outras, nada mais natural do que se ter uma visão menos reducionista acerca dos fenômenos lingüísticos de variação e/ou inovação.

Se esse mesmo aluno, enquanto estuda, precisa exercer uma atividade laboral cuja carga horária varia entre 4 e 6 horas, ou seja, compatível com as aulas na faculdade, se encaixará no perfil dos universitários brasileiros que trabalham como operadores de teleatendimento¹, em virtude de ser uma profissão que permite conciliar o trabalho com a vida acadêmica. Essa realidade ganha proporção não apenas pelo fato da quantidade de horas trabalhadas por dia, mas, também, pela flexibilidade de turnos, visto que, normalmente, as centrais de relacionamento² com o cliente funcionam 24 horas.

O desprestígio social desses profissionais é patente, tanto na hierarquia corporativa, quanto na sociedade propriamente dita. Inicialmente, eram conhecidos como “operadores de telemarketing”, quando do surgimento dessa profissão e dessa área de serviço no Brasil. Hoje, são motivo de descrédito em virtude de um estigma social presente nesses profissionais, quanto às características inerentes à profissão, ou seja, por representarem, de certa forma, um papel burocrático que as empresas estão adotando para se distanciar de reclamações sobre serviços prestados³. Ademais, se criou uma condição perfeita para estigmatizar ainda mais esse ramo de atividade, através de um fenômeno lingüístico, o “gerundismo”, sempre associado pelos meios de

¹ Terminologia empregada no lugar de Operadores de *Telemarketing*, pelas mesmas razões que as empresas exigem para a denominação de *Contact Center* em detrimento a *Call Center*. Os Operadores de Teleatendimento não apenas vendem produtos, portanto, em alguns casos, não são *telemarketeiros* e sim, atendentes, ouvidores, cobradores de pagamento por determinado serviço contratado pelo cliente em situação de inadimplência etc.

² Central de Relacionamento. Nomenclatura utilizada por algumas empresas que possuem um setor interno de relacionamento com o cliente via telefone, mais adequada do que *Call Center*, cuja tradução é “Central de Teleatendimento”, o que restringiria, na opinião delas, seu campo de atuação. De acordo com as atividades, compromissos com o cliente e serviços prestados não seriam meramente um setor de atendimento, mas sim, uma Central de Relacionamento, de pós-venda, de fidelização com o cliente, de cobrança, de intermediação com outros serviços e empresas, de ouvidoria etc.

³ Refere-se ao atendimento receptivo, em que o cliente liga para reclamar, solicitar serviços ou tirar dúvidas. Existe, também, o atendimento ativo, em que o Operador de Teleatendimento liga para os clientes oferecendo serviços, promoções ou para fazer cobranças.

comunicação a essa categoria, cuja disseminação se atribui às centrais de relacionamento com o cliente.

Nesse ambiente, onde atuam os referidos profissionais, cujas influências estratégicas de *marketing* são bastante presentes, o que se observa, inicialmente de forma curiosa, mas, também, preocupante, são as imposições lingüísticas dirigidas aos operadores de teleatendimento pelos seus superiores. Normalmente, as empresas que atuam nesse segmento ou que possuem um setor interno específico para relacionamento com o cliente via telefone estabelecem um “padrão lingüístico” que deve ser seguido pelos profissionais, inclusive punindo-os, caso reincidam nos “erros gramaticais”. Em outros casos, criam campanhas de incentivo à não utilização de fenômenos lingüísticos como o “gerundismo”, durante o atendimento ao cliente, recompensando os funcionários que evitam ou simplesmente não se utilizam desse recurso perifrástico altamente produtivo – supõe-se que o profissional deva fazer um grande esforço mental para não o utilizar.

O “gerundismo” resume-se a uma estrutura em que o verbo *ir*, em forma finita do presente do indicativo, se associa ao verbo *estar*, no infinitivo, e ao gerúndio de outro verbo. Considerada impertinente, até mesmo, indesejável, por parte dos falantes das chamadas normas cultas e, sobretudo, pelos gramáticos normativistas, contribuiu para que, hoje, o “telemarketing” seja considerado motivo de descrédito. Esse “gerundismo” ter-se-ia irradiado através de um jargão *telemarketeiro* e passou a ser conhecido como a “Síndrome do Vamos Estar Transferindo a sua Ligação”, caracterizando-se, equivocadamente, como uma variação diatécnica (restrita a determinado segmento técnico, profissional) e fora dos ditames da NGB.

Mas o que se observa a “ouvido nu” e que os gramáticos e pseudogramáticos insistem em contestar é que o “gerundismo” não está presente somente nos *contact centers*. Uma breve pesquisa em artigos nos maiores *sites* de busca, como o *Yahoo* e o *Google*, pode denunciar que esse fenômeno ultrapassa esses limites. Está presente em diversos segmentos sociais, embora, talvez, ainda de uma forma meio incógnita. Tem-se verificado a presença desse fenômeno em diversos estratos sociais e etários da população, bem como em variados gêneros textuais.

Esse fenômeno, o “gerundismo”, ainda é pouco analisado, tanto numa perspectiva gramatical quanto discursiva. Entretanto, é fortemente criticado por gramáticos, assim como pela mídia, a ponto de servir de mote constante para piadas nos

diversos meios de comunicação. Se Gil Vicente estivesse vivo, certamente haveria de identificar, lingüisticamente, um de seus personagens com essa forma de “falar”.

Não obstante, analisar a estrutura do que se considera como “gerundismo” é um tanto complexo. Embora circunscrito por alguns à atividade de *telemarketing*, é um fenômeno produtivo e altamente recorrente nos mais variados perfis de falantes do português brasileiro.

Observa-se que as estruturas conhecidas como “gerundismo” possuem construções correlatas que não carregam tal estigmatização e denominação. Se a construção “Ela *vai estar falando* tudo o que entendeu” é condenável, como rotular estruturas como:

- (01) Ela *vai começar falando* tudo o que entendeu.
- (02) Ela *pode estar falando* tudo o que entendeu.

Em (01), substituiu-se o verbo *estar* pelo verbo *começar*, parecendo não estigmatizar a estrutura. Em (02), substituiu-se o verbo *ir* pelo verbo *poder*, parecendo, também, não estigmatizar a perífrase. O “problema”, então, estaria no verbo *ir* nas construções chamadas de “gerundismo”? Seria o verbo *ir* o “responsável” pela estigmatização dessa perífrase? Ou seria um “problema” com o verbo *estar*?

Em situações em que um SAdv é introduzido na perífrase com gerúndio estigmatizada, “mascararia” o entendimento de tal estrutura como um caso de “gerundismo”? Observe-se a estrutura (03):

- (03) Eu *vou estar sempre lembrando* de você.

Os meios de comunicação parecem não estigmatizar (03), mas estigmatizam essa mesma estrutura se estiver sem o SAdv. O mesmo parece ocorrer quando, nessas estruturas, vêm intercalados pronomes átonos, como em (03a)

- (03a) Eu *vou estar te esperando* amanhã.

Uma outra situação curiosa é que o verbo *ir* em forma finita (ou seja, flexionado em formas não-nominais) distinta do presente do indicativo, por exemplo, no futuro do presente ou do pretérito + verbo *estar* no infinitivo + gerúndio, parece não gerar tanta

“enxaqueca” quanto na estrutura em que o verbo *ir* é flexionado no presente do indicativo. Em (04), tem-se:

(04) *Eu iria estar esperando* você, caso você não me ligasse.

Outras razões se impõem para a recusa na aceitação do “gerundismo”, um claro processo de segregação: seria uma possível herança de uma tradução literal de estruturas da língua inglesa, como em *I will be waiting*, perfeitamente gramatical no inglês, que corresponderia a *Eu vou estar esperando?* Segundo os gramáticos mais ortodoxos, esta construção deveria ser traduzida como *Eu estarei esperando*, estrutura esta, menos analítica do que aquela.

Ao se comparar a natureza [+analítica] ou [+sintética] dos verbos *ir + estar* ao verbo *estar* + morfologia de futuro (ou seja, em forma sintética), se verificará que a distinção é relativamente pequena do que se faz atualmente entre os verbos *ir + estar + gerúndio* e a perífrase sintética *estar + morfologia de futuro + gerúndio*.

Em um tipo de estrutura como (05), abaixo, é possível verificar uma certa similaridade com as perífrases estigmatizadas do gerúndio, vulgo “gerundismo”. Observe-se:

(05) *Isso vai estar finalizado* amanhã.

Em (05), o verbo *finalizar* aparece na forma nominal do particípio, numa estrutura – pelo menos em termos de elementos lingüísticos selecionados para a construção da locução –, igual às estruturas do “gerundismo”. A estrutura (05) está presente na língua portuguesa já há um bom tempo, pelo menos mais tempo do que o “gerundismo”, ao que parece, e, no entanto, não é estigmatizada. Todavia, poder-se-ia atentar para um caráter perifrástico familiar entre (05) e o “gerundismo”. Este, de todo modo, ainda considerado um “filho bastardo” para os normativistas e pseudogramáticos, e um “filho de criação” para os demais utentes do português brasileiro.

Não adianta os gramáticos quererem ser os detentores do “bom vernáculo”. Vale ressaltar que a língua não regride, não se aperfeiçoa: simplesmente muda. E quem diz se essa ou outra variação **permanecerá**, ou vai **permanecer** ou **vai estar permanecendo** na língua são os falantes e não os gramáticos ou até mesmo os governantes, como o caso do “excelentíssimo” Sr. José Roberto Arruda, governador do

Distrito Federal. A mais “nobre autoridade” lingüística do momento vem do Planalto Central. Arruda teve a infelicidade de sancionar um decreto fantasioso,⁴ fazendo um “samba do gerúndio doido”, completamente sem respaldo científico, não sabendo sequer a diferença entre o gerúndio e o “gerundismo”. O político “demitiu o gerúndio” e não o “gerundismo”, ainda que tenha se inspirado neste para sancionar o decreto.

Tal distinção entre o que é gerúndio e o que é “gerundismo” também não se verifica no senso comum. Os próprios veículos e articulistas de comunicação mal sabem que o gerúndio é uma forma nominal herdada do latim, que passou pelo português arcaico e pelo português moderno. Muitos acreditam, até, que seja uma inovação do português contemporâneo e condenam o seu emprego também em estruturas monoverbais, reproduzindo um desejo “estilístico” dos gramáticos que sempre tiveram uma dificuldade de aceitar o dito-cujo.

Ao governador Arruda, mesmo se soubesse distinguir o que é o gerúndio do que é o “gerundismo”, não lhe caberia proibir o uso de uma determinada construção verbal por uma questão de gosto particular ou por querer tentar expurgar a responsabilidade pela lentidão administrativa dos órgãos públicos através de um tempo verbal supostamente “mal utilizado”. Sua esperança é que, num passe de mágica, mudando-se a forma de falar, todos os problemas do país sejam solucionados e que o serviço público se torne mais “ágil”, como se o “gerundismo” fosse o culpado pela procrastinação dos serviços administrativos e pela ociosidade de alguns funcionários públicos, quer do legislativo, quer do executivo, quer do judiciário.

Nota-se, entretanto, que a análise sobre o “gerundismo” é comumente feita sob uma perspectiva pragmática reducionista. É preciso que se o analise pragmaticamente como um fenômeno mais amplo, não necessariamente exclusivo aos operadores de teleatendimento ou pelos ocupantes de cargos públicos em Brasília: trata-se de um uso não diretamente relacionado a um grau de formalidade, polidez ou de falsa erudição. O “gerundismo” possui possibilidades pragmáticas de uso muito mais abrangentes, menos reducionistas e, sem dúvida, menos grosseiras ou alarmantes, como no caso em que o atribuem a uma intenção de transparecer um certo descompromisso do falante ou de quem escreve em relação a um receptor ou leitor.

São patentes as visões impressionísticas e infundadas que proliferam de profissionais até gabaritados de outras áreas do conhecimento, como a Doutora em

⁴ Refere-se aqui ao Decreto N° 28.314, de 28 de Setembro de 2007 – Publicado no DODF de 01.10.2007, que “Demite o Gerúndio do Distrito Federal, e dá outras providências”.

Comunicação e articulista de A Tarde, Malu Fontes⁵ (2007), ao falar de um desgosto pessoal em relação à perífrase estigmatizada do gerúndio (“gerundismo”), resvalando para um preconceito sociolingüístico contra os operadores de teleatendimento, ao dizer: "um serviço de telemarketing feito por tipos e tipas que só falam gerundismo" (FONTES, 2007).

Outro bom exemplo que revela um preconceito lingüístico diretamente relacionado ao preconceito social é o da colunista da *Folha Online*, Thaís Nicoleti de Carmargo (2005), no seguinte trecho:

essa construção parece florescer sobretudo nesses contextos de formalidade em que um funcionário é encarregado de impedir, dificultar ou adiar o contato de alguém com uma "instância superior" (que pode ser uma entidade jurídica ou, quem sabe, sobrenatural...).

Mais uma vez, analisa-se o “gerundismo” por um viés pragmático limitado e um tanto caricatural. Assim, o que se nota, preliminarmente, é uma tentativa de seguir à risca os ditames da NGB com justificativas pragmáticas de combate a determinadas variações e/ou inovações quando, além de um determinado contexto pragmático, estão envolvidos, sobretudo, aspectos sociais, de distinção de classes e hierarquias.

Machado Filho (2005) conclui que a falta de conhecimento sobre o funcionamento e as estruturas da língua gera toda essa “celeuma de natureza sociolingüística”. E complementa, ao fim e ao cabo “estarão todos gerundindo, ou melhor, vão estar todos gerundindo, até que o novo substitua o que de novo é velho mais uma vez”.

1 OBJETIVOS E METODOLOGIA

O desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso concentrou-se no arcabouço teórico pesquisado acerca do gerúndio quanto à sua tipologia, empregos, estruturas perifrásticas e estigmatização / não-estigmatização de algumas construções, sobretudo pelo que se considera como “gerundismo”.

Como suporte metodológico, foram feitos levantamentos de dados no *site* Corpus do Português, cujo domínio na Internet é o www.corpusdoportugues.org.

⁵ Em artigos de jornais e internet não foram referenciadas as respectivas páginas.

Desenvolveu-se, também, um *Corpus* de Controle com matérias colhidas nos jornais *A Tarde Online* e *Correio da Bahia* (também a versão *online*), ambos da cidade de Salvador, no estado da Bahia.

1.1 Corpus do Português

O Corpus do Português – CP é um grande banco de dados *online*. De acesso gratuito, comporta mais de 45 milhões de palavras, em mais de 50.000 textos dos anos de mil e trezentos's a mil e novecentos's. Neste último período, o *site* permite a subdivisão por gêneros textuais, tanto no português do Brasil, quanto no de Portugal.

Através de “sintaxes de buscas”, foram feitos os mais variados levantamentos de acordo com os objetivos da pesquisa: encontrar as perífrases analíticas do verbo *ir* + *estar* no infinitivo + gerúndio e a sua co-ocorrência com as perífrases sintéticas do verbo *estar* (flexionado em forma finita no futuro do presente ou no futuro do pretérito) + um verbo na forma nominal do gerúndio.

Foram mantidas as configurações originais do *site*, ao serem feitas as buscas. Portanto, a pesquisa foi feita por frequência bruta, exibida em tabela, ordenada por frequência, e agrupada por palavras. As demais possibilidades de busca oferecidas pelo *site* não foram utilizadas para essa pesquisa. Quanto aos ACERTOS #, a única alteração que se fez foi de 100 para 100.000, em todas as buscas. Como as estruturas de interesse correspondiam a um período compreendido entre os anos de mil e trezentos's e mil e novecentos's, não se fez alteração no item “seção”.

Outras estruturas similares a *estar* + gerúndio também foram buscadas, a saber, os verbos *permanecer*, *começar*, *terminar*, *ficar*, *continuar*, *parecer*, *acabar* e *andar* + gerúndio, apenas a título de se comprovar ou não a produtividade destas construções com aquela.

1.2 Corpus de Controle

No Corpus de Controle – CC, houve a finalidade precípua de confrontar, ou melhor, quantificar o número de ocorrências de “gerundismo”, ou seja, das estruturas analíticas do verbo *estar* + gerúndio.

As buscas no site do *A Tarde Online* obedeceram aos seguintes critérios:

- a) **Campo de busca:** foi colocada a palavra “entrevista”.
- b) **Utilizaram-se os Canais:** Últimas Notícias; Brasil; Cidades; Cultura; Economia; Esporte; Mundo e Política.
- c) **Período de recorte:** de 02 de Junho de 1998 a 22 de Abril de 2008.

Escolheram-se entrevistas e reportagens do Jornal *A Tarde Online* – JAT dos finais do século XX e início do século XXI. Por ser um gênero textual prototipicamente escrito, um jornal, em alguns cadernos, passa a ser um gênero textual com elementos da língua falada, a depender de quem irá fazer a matéria ou textualizar uma entrevista oral. Algumas colunas possuem uma linguagem pouco mais coloquial, aproximando-se dos gêneros da língua falada ou dos gêneros prototípicos da língua falada, ainda que com um certo grau de monitoramento e revisão daquilo que está sendo escrito.

Quando determinado jornal passa a ser veiculado na *internet*, adquire outros recursos típicos dos gêneros de hipertexto, bem como um apelo maior para a, grosso modo, coloquialidade, como uma estratégia de *marketing* e de manutenção de um outro perfil de leitor. Nos gêneros de hipertexto, aquilo que está sendo retextualizado virtualmente ou até mesmo sendo construído instantaneamente (sem passar antes por uma publicação impressa) tende a ter uma maior “liberdade lingüística” próxima aos elementos da língua falada – a depender da coluna e, conseqüentemente, do público-alvo –, mas, ao mesmo tempo, tende a manter determinadas características da língua escrita, afinal, na *internet*, ainda que dispondo de uma série de recursos iconográficos e semióticos, não se deixa de ser um meio produtivo e disseminador de outros gêneros da língua escrita.

Fenômenos lingüísticos como o “gerundismo”, normalmente, não se restringem apenas à língua falada, ou aos gêneros prototípicos da língua falada. Marcuschi (2004: 5-6) compreende que:

a variação lingüística permeia todos os níveis de organização e funcionamento da língua. Temos variação fonológica, morfossintática, semântica, estilística, pragmática, cognitiva, etc. E ela se dá tanto na fala como na escrita.

Por sua vez, fala e escrita se “realizam num *continuo* de variações que se estendem a situações, gêneros e formatos estilísticos” (MARCUSCHI, 2004: 3).

Uma outra característica que justifica a escolha de entrevistas de jornal como *corpus* para comprovar as ocorrências de “gerundismo” é que, quando publicadas num jornal impresso ou virtual, são realizadas, normalmente, via voz (exceto nos casos em que o entrevistado responde por *email* ao jornalista). Mesmo sendo feitas via voz, ao publicá-las, retextualizam-se, eliminando-se uma série de traços prototípicos da língua falada, emitidos pelo entrevistado. A depender do grau de revisão do texto, do monitoramento da fala tanto por quem está sendo entrevistado, quanto por quem irá retextualizar aquela entrevista (monitoração da escrita), ou a depender da política editorial da empresa (de maior ou menor compromisso com a “norma-padrão”), conforme dito anteriormente, pode-se passar “despercebido” por determinados fenômenos lingüísticos, como no caso do “gerundismo”, a princípio, mais recorrente nos gêneros prototípicos de língua falada.

Esse fator foi condicionante para que se fizesse uma busca com a palavra “entrevista”, na esperança de se encontrar muito mais ocorrências de “gerundismo”, sobretudo nos cadernos em que se poderia ter uma maior garantia ou possibilidade dessas ocorrências aparecerem, como, por exemplo, nos cadernos de esporte, de novelas, fofocas, televisão, etc.

No *Correio da Bahia – CB*, versão *online*, foram feitas buscas também com a palavra “entrevista”. Neste jornal, foram procuradas ocorrências de 03 de janeiro de 2001 a 01 de maio de 2008, nas colunas: Aqui Salvador; Bazar; Negócios; Economia; Esportes e TV.

Tanto no CC do CB quanto no CC do JAT, nem todas as ocorrências encontradas foram de entrevistas propriamente ditas. Algumas reportagens também foram listadas e algumas foram aproveitadas. Os critérios de aproveitamento dessas reportagens foram:

- a) Títulos atraentes, interessantes.
- b) Dimensão, tamanho da matéria (sendo uma matéria grande, foi coletada).
- c) Coluna na qual a reportagem estava inserida.
- d) Assunto, corpo da reportagem/entrevista.

No CC do JAT e do CB, devido ao sistema de verificação dos dados não poder ter sido feito pelas sintaxes de buscas do CP (o CP permite uma série de recursos para se obter dados mais precisos, como, por exemplo, buscar perífrases verbais compostas

por dois verbos auxiliares antecedentes e um verbo principal no gerúndio), fez-se uma seleção, ainda que com menos recursos de sintaxe e otimização dos resultados, pelo *software Wordsmith 4.0*. Os *corpora* foram salvos no *WordPad*, em formato *Unicode*. Embora seja um programa muito utilizado e interessante, as possibilidades do *Wordsmith* são mais restritas do que o que se pode colher no CP.

As sintaxes buscadas no CC, através do *Wordsmith*, foram mais reduzidas:

- a) verbo *ir* + verbo *estar* no infinitivo + gerúndio.
- b) verbo *estar* (no futuro do presente ou do pretérito) + gerúndio.

Foram listadas todas as ocorrências do verbo *estar* em forma finita do futuro do presente ou do pretérito, independentemente de virem acompanhadas de gerúndio (visto que o *Wordsmith 4.0* não dispõe dos recursos de seleção que o CP possui). Após a triagem, descartou-se, manualmente, o que não era pertinente.

No CC, não se teve a preocupação em verificar as estruturas perifrásticas com gerúndio tendo um outro verbo de ligação intercalado, substituindo o verbo *estar*. Isso foi feito no CP. O CC foi criado apenas para se verificar a produtividade do que se considera “gerundismo”, mas não para comparar a estrutura estigmatizada com outras perífrases. No CC, não foi preciso segmentar quanto ao gênero textual, pois todas as matérias foram colhidas de uma mesma fonte.

No caso do CP, compararam-se, também, as ocorrências obtidas com as sintaxes buscadas em relação à Composição do CPD, ou seja, em relação à proporção dos gêneros textuais distribuídas pelo *site*. O gráfico com a composição do CPD foi cedido, gentilmente, por Michael Ferreira, um dos idealizadores do CP. De caráter inédito, será de grande valia para a comparação entre os gráficos produzidos com os dados colhidos e o percentual de gênero textual disponível para consulta.

2 AQUI SE VAI ESTAR ENTENDENDO O GERÚNDIO

2.1 O gerúndio no processo de romanização da língua portuguesa

No português brasileiro contemporâneo, existem três formas nominais: infinitivo, particípio e gerúndio. Estes três tempos verbais eram denominados, na

gramática clássica, segundo Rocha Lima (1998: 122), de formas infinitas – também chamadas por Lenz (1935: 396) de “verbóides” –, contrastando com os demais tempos verbais, conhecidos como formas finitas, pertencentes aos modos do indicativo, subjuntivo e imperativo; “sempre referidas a uma das três pessoas do discurso”, como afirma Said Ali (1966: 129).

Para Mira Mateus *et al.* (1983: 115), as formas nominais “não exprimem em si mesmas, qualquer dos tempos lingüísticos, sendo a sua função de localização temporal subsidiária da da oração finita de que dependem.” A estas formas ditas nominais, são legadas características próximas às classes de substantivo, advérbio e adjetivo.

O gerúndio é uma forma verbal altamente produtiva, desde os primórdios do latim clássico, passando pelos variados romances (processo de transição do latim clássico para as línguas românicas), até chegar às formas arcaicas das línguas românicas ou línguas neolatinas. Segundo Lima Coutinho (1976: 29), o latim clássico “era uma língua artificial, rígida, imota. Por isso mesmo que não refletia a vida trepidante e mudável do povo”. E, por conseqüência, “pôde permanecer, por tanto tempo, mais ou menos estável” (LIMA COUTINHO, 1976: 29).

É provável que as mudanças pelas quais o gerúndio passou no latim tenham sido mais recorrentes no latim vulgar do que no latim clássico, em virtude do caráter coloquial e dinâmico daquele em detrimento deste. Esse latim vulgar era “o latim falado pelas classes inferiores da sociedade romana inicialmente e depois de todo o império romano” (LIMA COUTINHO, 1976: 30). Como não se tem registro escrito suficiente do latim vulgar, já que o latim clássico era o latim padrão, o latim literário, privilegiado em relação àquele, não se teria como apascentar o espraiamento e as modificações pelas quais as formas nominais clássicas sofreram nessa modalidade de latim.

Após a formação das línguas românicas, em especial, no caso da língua portuguesa no período arcaico (denominação dada aos primeiros registros escritos da língua portuguesa em Portugal), o gerúndio aparecia tanto em estruturas monoverbais; ou seja, sem o acompanhamento de outros verbos, portanto, sem fazer parte de locuções e/ou perífrases verbais; quanto em estruturas locucionais e/ou perifrásticas, o que continuou acontecendo durante o português moderno (período subsequente ao português arcaico) e ainda se verifica no português atual.

O gerúndio, em sua morfologia, sempre assumiu variados papéis sintáticos. O mesmo ocorria e ainda ocorre com o infinitivo e o particípio, nos diversos períodos históricos da língua portuguesa e do latim. Outras formas nominais não se perpetuaram

na passagem do latim para o português, mas também tiveram variados empregos. Algumas dessas formas nominais foram sendo substituídas por outras formas nominais, como no caso do gerúndio que, na língua portuguesa, teve alguns de seus usos absorvidos pelo gerúndio.

O galego-português e o português são bons exemplos para se verificar a distinção entre o latim e as línguas românicas. O posicionamento geográfico de Portugal e do Norte da Espanha, na Península Ibérica, favoreceu uma romanização tardia, outorgando ao galego-português maiores discrepâncias lexicais, fonológicas, morfológicas e sintáticas em relação ao latim. No italiano, ocorreu o inverso. Este, mais próximo do latim do que aquele, no que concerne aos aspectos morfossintáticos e lexicais, foi fruto de uma romanização mais rápida e mais “contaminada” por um latim menos “modificado”, se se considerar uma fidelidade lingüística mais visível entre o italiano e o latim do que entre o latim e outras línguas românicas.

Ainda que as subdivisões geográficas da România não sejam equânimes em relação às atuais subdivisões – cujas línguas oficiais, maternas e majoritárias pertencentes à família latina, a exemplo do francês, do provençal, do italiano, do espanhol, do galego, do catalão, do português, do sardo, do romeno e do reto-romano que sofreram progressivas modificações – esses espaços geográficos foram de extrema importância para o surgimento das línguas românicas e para uma aproximação ou distanciamento em maior ou menor escala em relação ao latim. É interessante se compararem não somente as línguas românicas com o latim, mas também aquelas entre si. Assim, por exemplo, verifica-se que determinados tempos verbais se perpetuaram do latim para outras línguas românicas além do português, como a forma nominal do gerúndio.

Outras formas nominais no latim clássico, a exemplo do gerúndio, do supino e do particípio presente, ou desapareceram ou foram absorvidas por outras formas nominais no processo de romanização que deu origem à língua portuguesa. No entanto, Campos (1980: 12) afirma que o particípio presente era uma forma adjetiva do verbo e, atualmente, “possui um uso muito restrito nas línguas românicas. Limita-se ao francês, ao italiano e a alguns exemplos esporádicos do português e do espanhol arcaicos” (CAMPOS, 1980: 15).

Na língua portuguesa contemporânea, o particípio presente, embora sem valor verbal, respinga vestígios de sua existência em adjetivos e substantivos, conforme Luft (2002: 173) exemplifica: “Substantivos: estante, estudante, lente, ocidente, oriente,

ouvinte, parente, pedinte, poente... Adjetivos: aparente, ardente, concludente, semelhante, temente...”

Para Campos (1980: 26), além de substantivos e adjetivos, o particípio presente conservou-se, também, através de preposições, locuções prepositivas e conjuncionais.

Quanto ao gerundivo, uma outra forma nominal extinta, como postula Mencialha de Souza (2003), possuía “o valor primitivo de nomes de ação, mas ao longo da evolução da língua latina foi adquirindo outros sentidos que o distanciaram do gerúndio.” Diferentemente do que afirma a autora, talvez a única forma nominal com força verbal realmente extinta seja o gerundivo, visto que, a princípio, o supino persiste na língua romena e o particípio do presente, para alguns, ainda mantém força verbal na língua francesa.

Alguns usos do gerundivo, na passagem do latim para o português, foram absorvidos pelo gerúndio e outros desapareceram:

o gerundivo não deixou em português nenhum traço de sua antiga acepção verbal. Legou-nos apenas seu valor nominal, representado em nossa língua por substantivos (oferenda, propaganda, agenda, etc.) e adjetivos (nefando, venerando, moribundo, etc.)” (MENCALHA DE SOUZA, 2003).

O mesmo aconteceu com as palavras: *educando*, *graduando* e *doutorando*. (MENCALHA DE SOUZA, 2003). Nestes casos, têm-se, hoje, nomes substantivos que seriam oriundos, no passado, do gerundivo. Em algumas acepções hodiernas, esses nomes podem ser destituídos de uma classificação verbal, embora a sua forma física lembre, a princípio, um gerúndio. Quando se referem a uma característica / condição de um determinado ser / indivíduo / coisa / objeto, assumem, por sua vez, a classe de adjetivo. Como em (06):

(06) O estudante *doutorando* ministrou sua primeira aula.

No entanto, os vocábulos *educando*, *graduando* e *doutorando*, além de outros nomes substantivos que, por ventura, tenham sido herdados do gerundivo, podem, também, vir a compor estruturas locucionais e/ou perifrásticas em que funcionam como gerúndio e sejam acompanhados de verbos auxiliares. Em outros contextos, a forma nominal com valor verbal de *educar*, *graduar* e *doutorar* não necessariamente virá ligada a um ou mais verbos auxiliares, podendo, por sua vez, aparecer em estruturas monoverbais, como em (07):

2.2 O Gerúndio em crioulos de base portuguesa

Além de o gerúndio ter se mantido em outras línguas, como no espanhol, no francês, no italiano e no romeno, verifica-se a sua presença em crioulos de base portuguesa, como no crioulo Norteiro ou do Norte da Índia, no crioulo de Ceilão, no crioulo de Mangalor e no crioulo de Diu. Em trechos de mesmo conteúdo informacional, pôde-se comparar um fragmento em português contendo algumas alegadas ocorrências de gerúndio nos fragmentos traduzidos para esses crioulos listados acima, encontrados em Dalgado (apud LIMA COUTINHO, 1976: 62-64).

No crioulo Norteiro ou do Norte da Índia:

(...) Depois d'algum di o pequen filh *juntand* tud que tinh pertencend par ell (...) Mas ell *pensand* em si mesm ji fallou (...). (grifo do autor desta pesquisa).

No crioulo de Ceilão:

(...) “E elle já reparti per ello tros sua fazendo. E naõ muito dias despois, o filho pequenino *juntando* todo, já parti per hum longe terra (...) E *alembando* ne si-mesmo (...)”. (grifo do autor desta pesquisa).

No crioulo de Mangalor:

(...) E pequenino d'elloutro ja falla por su papa: papa, da minh fazend's por çom que te cahi por mi (...) e alli ja desperdiça se fazend com vid má. (...) E ja volta per si mesm, elle ja falla: quant pagament (...).

No crioulo de Diu:

(...) Depois de passá algum tempo fêz um imbrui de tud su fat aquêll rapaz piquin e já foi ficá n'um terr bastant lonj e estranh e ali já deu cab de tud, *fazend* munt estragacão” (...). Até aqui já pensou e já fallou: na caz de mim pai (...). (grifo do autor desta pesquisa).

E para se confrontarem os exemplos nas referidas línguas crioulas, segue a versão em português:

Um homem tinha dous filhos. E disse o mais moço delles a seu pae: Pae, dáme a parte da fazenda que [me] pertence, e elle lhes repartio a fazenda. E

depois de naõ muitos dias, *ajuntando* o filho mais moço tudo, partiose a huã terra muy longe, e ali desperdiçou sua fazenda, *vivendo* dissolutamente. E desde já teve tudo desperdiçado veio huã grande fome n'aquella terra; o qual mandou a sua quinta, a apascentar os porcos. E desejava encher seu ventre das mondaduras que comiaõ os porcos, e ninguem lhes dava. E *tornando* em si disse: Quantos jornaleiros de meu pae tem abundancia de pam, e eu aqui pereço de fome. (S. Lucas, c.XVI apud LIMA COUTINHO, 1976: 62-64). (grifo do autor desta pesquisa).

O que se pode notar, ao se comparar a versão em português com as versões crioulas, por exemplo, ao se ler o fragmento do crioulo de Ceilão “já reparti per ello tros sua fazendo”, a palavra “fazendo” pode transparecer a idéia de ser um gerúndio, em virtude de uma sintaxe crioula que mantém dúbia a interpretação de ser um SN ou um SV. Ao comparar o trecho com a versão em português, verifica-se que não se trata de um gerúndio, mas, sim, do substantivo “fazenda”: “e elle lhes repartio a *fazenda*”.

Já no fragmento do crioulo de Mangalor “alli ja desperdiça se *fazend* com vid má”, *fazend* é uma forma de gerúndio crioulo. O mesmo se verifica no fragmento do crioulo de Diu: “e ali já deu cab de tud, *fazend* munt estragacao”, em que também se trata de um gerúndio crioulo, ao se comparar com a versão em português “e ali desperdiçou sua fazenda, *vivendo* dissolutamente.”

Nesses fragmentos crioulos, se verifica o gerúndio no crioulo do Norte da Índia “o pequen filh *juntand* tud que tinh”, “Mas ell *pensand* em si mesm ji fallou”; e no crioulo do Ceilão “o filho pequenino *juntando* todo”, “E *alembando* ne si-mesmo”. No fragmento em português, houve três ocorrências de gerúndio: *ajuntando*, *vivendo* e *tornando*. *Ajuntando* teve as formas equivalentes *juntand* (crioulo do Norte da Índia) e *juntando* (no crioulo de Ceilão). *Vivendo* teve a forma de gerúndio equivalente *fazend*. E *tornando* teve as formas correspondentes *pensand* (no crioulo do Norte da Índia) e *alembando* (no crioulo de Ceilão). “*Fazend* com vid má”, do crioulo de Mangalor, parece ter a mesma acepção de *fazend* na versão em português “*vivendo* dissolutamente”, bem como há a mesma correspondência no crioulo de Diu.

2.3 O gerúndio em estruturas monoverbais da língua portuguesa

No português contemporâneo, o gerúndio continua existindo. Algumas formas do português arcaico e do moderno se mantiveram. Outras formas surgem no atual português, tanto para o gerúndio em estruturas monoverbais, quanto em construções locucionais e/ou perifrásticas. Essas ocorrências do gerúndio passam a fazer parte de novos contextos sintáticos. O gerúndio ocorre monoverbalmente ou perifrásticamente e

as denominações que lhe são dadas ou propostas por alguns estudiosos da língua portuguesa às vezes variam, às vezes são equivocadas. A seguir, exemplos de estruturas monoverbais com o gerúndio nos principais gramáticos brasileiros:

2.3.1 Que dizem gramáticos e lingüistas

2.3.1.1 Bechara (2006):

Bechara (2006), de forma não-linear, traz diversos empregos do gerúndio ao longo do seu livro, tanto em formas monoverbais (sem acompanhar outros verbos) como em perífrases e/ou locuções verbais. O gerúndio, nessa gramática, bem como na maioria dos manuais normativos, é abordado em capítulos diferentes, mas não se segue, especificamente, uma cronologia ou um ordenamento. As classificações sobre o gerúndio dão a impressão de que aquilo que está sendo dito, na verdade, é uma coletânea de fragmentos de gramáticas de outros autores. Pelo pouco que se fala sobre o gerúndio, em sua obra, o que se pode destacar é o seu emprego equivalente a um substantivo ou pronome – como uma *atividade passageira*. Observe-se o exemplo (08):

(08) cujos brados selvagens de guerra começavam a soar ao longe como um trovão *ribombando* no vale [AH.3, 218, Ed. De 1878] (p. 517).

Em (09), abaixo, tem-se uma forma de gerúndio equivalente a um substantivo ou pronome – mas como uma *atividade permanente*:

(09) Decreto de 14 de fevereiro de 1786, *proibindo* a entrada das meias de seda (...) [LCo. 1, I, 298] (p. 517).

O que se nota, entre os autores pesquisados, é que o emprego do gerúndio carece de maiores investigações. Talvez seja o caso de ser feito um trabalho específico sobre as formas nominais no geral, no português contemporâneo, sem se prender a posicionamentos normativistas já em desuso ou sem maiores fundamentações. Ainda que a gramática normativa tenha seus pontos positivos, é notório que não está ileso de ser questionada e reavaliada, não somente quanto às classificações sobre o gerúndio, mas também em relação, até mesmo, sobre sua omissão diante de fenômenos lingüísticos que, por sua repercussão e produtividade, mereceriam um estudo mais apurado e menos impressionístico, como é o caso do “gerundismo”. Bechara (2006) não

inova e só reproduz o discurso normativista e tradicionalista equivocadamente consagrado pelas normas cultas e disseminado pelos meios de comunicação.

2.3.1.2 Almeida (1985):

Em Almeida (p. 558), dentre os variados empregos do gerúndio por ele listados, tem-se um tipo curioso de gerúndio, cuja função, na oração, é de predicativo do sujeito ou até mesmo como sujeito. Observem-se (09a) e (09b):

(09a) “Ele está *lutando*”. (predicativo)

(09b) “Seria satisfazer a vossos desejos *calando-me*” (sujeito). (ALMEIDA, 1985: 558).

Almeida também aborda um tipo de gerúndio pouco visto em outras gramáticas: o gerúndio como *aposto* do sujeito, a seguir:

(09c) “Depois, *tirando* o chapeirão, cortejou a turba-multa por um e outro lado” (ALMEIDA: 1985: 558).

O autor considera esse tipo de ocorrência como uma “franca invasão do gerúndio português na esfera do particípio presente latino” (p. 558). Opinião, esta, compactuada por outros teóricos que asseguram a “sobrevivência”, de certo modo, do particípio presente travestido de gerúndio contemporâneo – ainda que estes não denominem esse gerúndio como sendo um *aposto* do sujeito.

Em essência, são casos de particípios presentes “remasterizados”, com um novo *design* sintático-semântico e com um “acabamento” feito pela gramática subjacente dos utentes do português contemporâneo.

2.3.1.3 Campos (1980):

Alguns autores às vezes acertam, mas também cometem equívocos quanto a classificações do gerúndio, como Campos (p. 48) o fez, ao citar novos empregos do gerúndio no português contemporâneo, tais como: os gerúndios narrativo, exclamativo e interrogativos, a saber, em exemplos parecidos com (11), (12) e (13):

(11) **com função narrativa:** “a madrugada *caindo* depressa”;

(12) **com função exclamativa:** “a gente à sua espera e você *aprontando* muito, hein, Carlinhos!”;

(13) **com função interrogativa:** “*Batendo* o ponto mais cedo no trabalho, de novo, não é?”

A denominação dada a essas “novas formas” de emprego do gerúndio mereceriam uma reanálise e nova nomenclatura, se for o caso, pelo menos em relação aos dois últimos tipos de gerúndio citados pela autora. Para o gerúndio narrativo, segundo Campos (p. 78), seu uso equivaleria a uma forma finita do verbo e “se enquadra dentro de um tipo de oração que tem certo conteúdo afetivo” (p. 78). Até aí, tudo bem, mas para o gerúndio com função exclamativa e interrogativa, Campos (p. 48) se equivoca, ao atribuir essas denominações em virtude dos sinais gráficos nas orações: (!) para gerúndio exclamativo e (?) para gerúndio interrogativo.

É um tanto complicado analisar apenas semântico-pragmaticamente uma determinada forma de gerúndio quando seus aspectos sintáticos, são, também, relevantes. Não caberia classificar um gerúndio apenas por conta de um sinal gráfico ao final da oração em que faz parte, como o fez a autora quanto aos gerúndios exclamativos e interrogativos.

Por outro lado, Campos faz uma relevante análise sobre três tipos de gerúndio em estruturas monoverbais: o gerúndio circunstancial, o gerúndio adjetivo e o gerúndio coordenado, nos três períodos da história da língua portuguesa: no português arcaico, no português moderno e no português atual. Para a autora, “no português arcaico emprega-se o gerúndio de forma comparável, até certo ponto, com o do português moderno e contemporâneo” (p. 27). Nestas épocas, são encontrados os tipos de gerúndio mais comuns aos três tempos da história da língua portuguesa, “a saber, o circunstancial, o adjetivo, o coordenado e as perífrases” (p. 27).

Para o gerúndio adjetivo, pelo que postula Campos (p. 32), há pouca frequência no português arcaico. No português moderno, já começam a aparecer um número de ocorrências significativas. (p. 40). E no português contemporâneo, o gerúndio adjetivo amplia a sua forma de atuação, passando a se referir a ações transitórias e permanentes. (p. 75). “Essa é uma inovação em relação às outras fases de nossa língua, onde o gerúndio adjetivo praticamente limitou-se a exprimir ações transitórias.” (p. 75).

No que tange ao gerúndio coordenado, no português arcaico, seu uso equivalia a uma oração coordenada aditiva ou adversativa (p. 33). Conforme se verifica em (14):

(14) “faziam cada vez melhor, crecêdo-lhes as forças, como aqueles que eram mazellados da perda de tall amigo...” (p. 33)
(= e creciam-lhes)

No português moderno, Campos (p. 41) não encontrou ocorrência de gerúndio coordenado adversativo, mas também não observou inovação quanto ao gerúndio coordenado. No português contemporâneo, o gerúndio coordenado continua com seus papéis de orações coordenadas aditivas e adversativas, acrescentando, a estas formas, um gerúndio coordenado conclusivo (p. 76), que pode ser verificado em (15):

(15) “... submetidos à Assembléia, receberam aprovação unânime, *sendo, portanto*, eleitos...” (EM, 1º, 2) (p. 77).

O que se observa em Campos é que algumas funções do gerúndio foram se perdendo e outras foram surgindo no decorrer da história da língua portuguesa. Alguns empregos do gerúndio surgiram no português arcaico, perpassaram pelo português moderno e ampliaram seu leque de atuação no português contemporâneo. Outras construções não se perpetuaram e mais outras surgiram no português contemporâneo e não se tem registro no português arcaico. O gerúndio coordenado não teve registro no latim clássico e não se sabe se existiu no latim vulgar. Neste, não se teria realmente como descobrir, em virtude de poucos documentos terem sido conservados nessa modalidade de língua, tão desprestigiada naquele período. O gerúndio, tanto em estruturas monoverbais, quanto em perífrases, sempre existiu na história da LP. E sobre o gerúndio em locuções e/ou perífrases verbais, analisar-se-ão algumas de suas estruturas nos próximos capítulos.

3 PERÍFRASES COM O GERÚNDIO

A forma nominal do gerúndio, além de ser bastante produtiva em estruturas monoverbais, também possui uma relevante produtividade em construções locucionais e/ou perifrásticas, datadas desde o período arcaico da história da língua portuguesa e mais presente ainda no atual português do Brasil.

As perífrases verbais podem ter um ou mais verbos auxiliares acompanhando um gerúndio enquanto verbo principal da estrutura na oração. De acordo com Campos (1980: 22), essas construções perifrásticas existiram e ainda existem em quase toda a România. Quanto à natureza dos verbos presentes nessas estruturas varia de língua para língua. “No português, espanhol e italiano há perífrases com verbos de repouso e de movimento, a saber, com *estar*, *ir*, *vir* e *andar*, sendo que no italiano não se formam perífrases com *ir*” (CAMPOS, 1980: 22).

É de se supor que a origem das perífrases tenha ocorrido mais tardiamente no processo de formação das línguas românicas e de forma distinta entre elas (CAMPOS, 1980: 83). No período arcaico, estão mais presentes as perífrases com verbos de movimento *ir*, *andar* e *vir*, com maior ocorrência para o verbo *ir*. Quanto ao verbo *andar*, nesse período, ainda oscila em ocorrências com valor pleno, original (ato de andar), em relação ao seu significado gramaticalizado, como verbo de ligação. O mesmo ocorreu com o verbo *vir*. (CAMPOS, 1980: 33-34). Quanto às perífrases com verbo de estado, as mais freqüentes, no P.A., são as com o verbo *estar* e depois com o verbo *ser* (CAMPOS, 1980:34).

Baseando-se nos *Diálogos de São Gregório*, documento trecentista do português arcaico, Mattos e Silva (2008: 357-359) observou que os verbos *ser*, *jazer*, *estar*, *andar* e *ir*, seguidos de gerúndio, nem sempre formavam locuções verbais, a exemplo dos verbos *seer* (forma arcaica do verbo *ser*) e *jazer*, ambos mantendo seu significado etimológico original (ou seja, não assumiam características de auxiliares). O verbo *ser*, no sentido de *estar sentado*, não manteve sua etimologia original, embora seja “um verbo vivo e usado em diversas construções sintáticas” (MATTOS e SILVA, 2008: 359). Quanto ao verbo *jazer*, “persiste em um uso cristalizado, em forma de epitáfios – Aqui jaz x...” (MATTOS e SILVA (2008: 359).

Na etimologia original dos verbos *ser* e *jazer* + *gerúndio*, no português arcaico, poder-se-ia conjecturar um caso de “duas orações com um desses verbos como principal e o gerúndio como uma subordinada reduzida temporal” (MATTOS e SILVA (2008: 357). No entanto, os verbos *ir*, *andar* e *estar*, tanto no português arcaico quanto no contemporâneo, além de poder manter os seus significados etimológicos plenos (como, por exemplo, o verbo *andar* designando o ato de utilizar os pés para se locomover), mantiveram o aspecto durativo como verbos auxiliares nas locuções com gerúndio (MATTOS e SILVA (2008: 358).

No português moderno, deixam de existir as perífrases do verbo *ser* + *gerúndio*. As perífrases com o verbo *ir* continuam tendo mais ocorrência do que as com o verbo *estar*, assim como outros verbos de movimento, *andar* e *vir* em relação aos verbos de estado *acabar* e *ficar*. (CAMPOS, 1980: 42).

3.1 Verbo *estar* + *-ndo*

Quer no português arcaico, quer no português moderno (do século XIII ao XIX), isto é, o período que compreende as primeiras perífrases com gerúndio da língua portuguesa, observou-se um crescimento, tanto nas ocorrências que já eram características desses períodos, quanto em novas construções que foram se delineando com o tempo. Atualmente, o gerúndio é muito pouco presente no português de Portugal. Substituem-no pelo infinitivo preposicionado. O PE utiliza muito menos o gerúndio do que o PB, sobretudo em perífrases verbais. Normalmente, é utilizada a forma nominal do infinitivo em detrimento do gerúndio. Um bom exemplo é:

(16) Maria *está a fazer* a lição de casa. (PE)

(17) Maria *está fazendo* a lição de casa. (PB)

No PB contemporâneo, além da alta produtividade em perífrases verbais, existem várias possibilidades de ordenamento sintático entre os verbos que compõem as estruturas perifrásticas, sobretudo com o *gerúndio*. Inclusive, tais construções podem ter SAdv's intercalados, permitindo deslocamentos na estrutura sem que haja prejuízo sintático. Nota-se, entretanto, alguns exemplos de perífrases com gerúndio com ou sem o verbo *estar*,⁶ em estruturas propostas numa perspectiva do falante ideal:

(18) *Estou tentando falar* com ele (verbo *estar* em forma finita + *gerúndio* + infinitivo).

(18a) *Estar tentando falar* com ele (verbo *estar* no infinitivo + *gerúndio* + infinitivo).

(18b) (*Tinha/havia*) *estado tentando falar* com ele (verbo em forma finita + verbo *estar* no particípio + *gerúndio* + infinitivo).

(18c) (*Tive/Houve*) *estado tentando falar* com ele.

(18d) (*Ter/Haver*) *estado tentando falar* com ele (infinitivo + verbo *estar* no particípio + *gerúndio* + infinitivo).

(18e) (*Tendo/havendo*) *estado tentando falar* com ele (*gerúndio* + verbo *estar* no particípio + *gerúndio* + infinitivo).

(18f) (*Tenho*) *estado tentando falar* com ele.

(18g) * (*Tinha/havia*) *sido tentando falar* com ele.

(18h) * (*Tenho*) *havido tentando falar* com ele.

Inicialmente, vale considerar a produtividade do verbo *estar* em estruturas locucionais e ou perifrásticas, já atestadas em diversos estudos e autores. Segundo Costa (1990: 54):

o verbo *estar* coloca automaticamente o fato verbal referido num fragmento de tempo, ou seja, recorta a temporalidade, atribuindo ao fato verbal um período de vigência, ao tempo em que refere a estrutura temporal interna desse fato como *em curso*. Em suma, permite a visualização do estado.

⁶ Neste capítulo, não foram consideradas as perífrases com o verbo *ir*.

Em alguns casos, o verbo *estar* faz parte de um tempo composto, ao ser antecedido pelo verbo *ter*, como em alguns exemplos listados acima. Analisar as estruturas perifrásticas que, em seu bojo, possuem tempos compostos, não é das tarefas mais fáceis. As conjugações perifrásticas, como denomina Pontes (1973:17), e os tempos compostos não possuem uma definição bem delineada sobre o que representam, sobre o que são. Desse modo, é difícil saber qual critério utilizado para distingui-los entre si.

O mesmo ocorre com a definição de locuções verbais, que é seguinte:

por autores diferentes com um sentido que varia desde a acepção mais abrangente até a mais restrita. Alguns autores designam como LV qualquer seqüência verbal com uma certa coesão interna, de tal modo que funcione como um verbo simples; outros separam certas seqüências verbais que denominam Tempos Compostos (TC) e consideram as restantes como locuções. Tanto na acepção mais ampla como na mais restrita, LV costuma ser sinônimo de Conjugações Perifrásticas (CP) (PONTES, 1973: 15).

Em suma, “a maioria de nossas gramáticas conserva a tradição de separar TC de Conjugações Perifrásticas sem se preocupar em verificar se há fundamento para mantê-la (...). Não encontramos, por nosso lado, nenhuma razão para manter essa divisão” (PONTES, 1973: 21-22).

Por se constituir em escopo para o presente trabalho, serão listadas estruturas perifrásticas e/ou locucionais mais freqüentes na língua portuguesa, em que a forma nominal do gerúndio com seus diversos auxiliares, em especial, os verbos *estar* e *ir*, serão privilegiados.

É provável que haja uma maior ocorrência das estruturas (18), (18a) do que em (18b), (18c), (18d), e (18e) no português contemporâneo, se se considerar o verbo *estar* no particípio, precedido dos verbos *ter* e *haver* (como verbos auxiliares). O mesmo não ocorre se o verbo no particípio fosse, por exemplo, os auxiliares *ser* e *haver*, seguidos de gerúndio e antecidos por um outro verbo auxiliar, no caso, o próprio verbo *haver* ou o verbo *ter*, em estruturas similares a (18g) e (18h), fazendo com que sejam agramaticais as orações. Em (18f), *ter-se-ia* uma forma não necessariamente correlata, mas um tanto similar a (18i), e também pouco provável de ser encontrada no português atual:

(18i) (*Hei de*) *estar tentando* falar com ele

A expressão de futuro denotada pela estrutura *haver de* + infinitivo, além de sua raridade no PB contemporâneo, tem em si uma outra estrutura parecida, mas com significado distinto:

(18j) (*Há-de*) *estar tentando falar* com ele

Segundo Barbosa (1996–1997: 5), “*há-de* representa um monema e não dois porque, nos contextos onde se encontra, isto é, seguido de infinitivo, corresponde a uma escolha e não às duas, *há* e *de*, que se terão verificado em fase anterior da língua”. Além do que, no período arcaico, conforme atesta Mattos e Silva (1989: 444), os verbos *ter* e *haver*, cujas formas arcaicas são *teer* e *aver*, embora tenham deixado evidências de uma variação livre, co-ocorrem com uma inegável preferência por aquela em detrimento desta. Continuamente, no português contemporâneo, perdura essa preferência, quando que, nessas estruturas, em que *haver* e *ter* possuem equivalência semântica, a utilização do verbo *haver* se dá em gêneros textuais restritos, como, por exemplo, nos textos literários.

Lunguinho (2005: 69) comenta que os verbos *ter* e *haver* são os mais elencados como formadores de tempos compostos, ao se ligarem a um verbo principal na forma nominal do particípio.

Ilari (1997: 29) estabelece três razões para se considerar a combinação do verbo *ter* + *particípio de outro verbo* como sendo um tempo composto: a primeira é um critério de equivalência semântica entre, por exemplo, o pretérito mais que perfeito *fizera* e o pretérito mais que perfeito composto *tinha feito*. A segunda razão é devido a um sentido distinto do verbo *ter* em tempos compostos do verbo *ter* usado como verbo principal ou auxiliar. E a terceira, é devido à formação de uma unidade de ação referente a um único sujeito, em que o verbo *ter* e a base verbal da forma verbal no particípio denotam a mesma ação. E conclui, ao afirmar que a “razão decisiva para falar do verbo **ter** como auxiliar de **tempo**, é que influencia de maneira sistemática a interpretação temporal das sentenças em que ocorre”.

Em estruturas mais simplificadas, ou seja, com apenas dois verbos (um verbo principal estando no gerúndio e um verbo antecessor em forma finita ou nominal), podem ser encontradas locuções verbais, também chamadas de perífrases verbais, sem que, necessariamente, uma estrutura perifrástica maior seja confundida como uma locução verbal. Dentro de determinada perífrase verbal pode conter uma locução verbal.

A própria locução verbal é uma perífrase, mas nem toda perífrase é uma locução verbal. Vejam-se os exemplos (19), (19a) e (19b):

(19) *Estou lendo* um livro (verbo finito + *gerúndio*).

(19a) O fato de eu *estar lendo* um livro, não significa que eu goste de ler (verbo *estar* no infinitivo + *gerúndio*).

(19b) *Estando falando* a verdade, o réu foi absolvido (verbo *estar* no *gerúndio* + *gerúndio*).

Em (19b), verifica-se que existem perífrases/locuções que têm a possibilidade de ocorrer com dois verbos na forma nominal do gerúndio. Em (19) e (19a) têm-se uma locução entre o verbo *estar* + o gerúndio do verbo *ler*. Os três exemplos acima são casos de perífrases verbais que também podem ser consideradas locuções verbais.

Na história da língua portuguesa, houve muita confusão e contradição ao se caracterizar os verbos auxiliares e ao se considerar o que é auxiliar do que não é. Segundo Pontes (1973: 35), em estruturas perifrásticas “embora os gramáticos declarem que o verbo auxiliar perde seu sentido primitivo, acabam fazendo as classificações dos auxiliares de acordo com o seu sentido”. Quanto ao que Pontes (1973: 36-37) considera como auxiliares, distinguem três classificações: o primeiro grupo seriam os auxiliares canônicos, os verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*. Os dois primeiros são comumente considerados auxiliares pela maioria dos autores. Quanto ao verbo *ser*, alguns gramáticos só o consideram como auxiliar em estruturas como “somos chegados”. Outros o consideram como auxiliar de voz. Enquanto que o verbo *estar*, para alguns, não é considerado auxiliar por **não** ser formador de tempos compostos.

No segundo grupo, Pontes (1973: 37) lista os verbos *ir*, *vir* e *andar* que, embora auxiliares, quase sempre são tratados como subcategoria, por não constituírem tempos compostos. Alguns autores chamam esses auxiliares de *acidentais*, em relação aos auxiliares *essenciais*, do primeiro grupo, os verbos *ser*, *ter*, *haver* e *estar*. Outros chamam *ir*, *vir* e *andar* de auxiliares mais comuns e os verbos *ser*, *estar*, *ter* e *haver*, de semi-auxiliares.

O terceiro grupo de auxiliares é formado pelos verbos chamados de *acurativos*, *causativos*, etc (PONTES, 1973: 38). Quanto a estes, não serão aqui estudados. Em suma, conclui Pontes (1973: 40) que existe tanta confusão na análise dos auxiliares, pois alguns “são classificados por um critério diacrônico, outros por critério sintático, outros por comparações com outras línguas”.

Os verbos auxiliares podem constituir diferentes ordenamentos sintáticos nas construções perifrásticas, bem como podem variar quanto a flexão em forma finita ou

estar em formas nominais. Assim, é possível uma estrutura com um verbo no infinitivo + um verbo principal no gerúndio funcionar como complemento a um verbo auxiliar antecessor na mesma forma nominal do verbo principal, como se pode verificar em (20) e (20a):

- (20) *Supondo estar dizendo* a verdade
(20a) *Supondo começar falando* a verdade

Em (20) e (20a), pode-se constatar que uma perífrase pode ser composta por dois gerúndios intercalados pelos verbos *estar* e *começar*. O mesmo não ocorreria sem a presença de um verbo intermediador. Desse modo, (20ab) e (20ac) seriam agramaticais:

- (20ab) * *Supondo dizendo* a verdade.
(20ac) * *Supondo falando* a verdade.

O gerúndio pode, também, aparecer antecedido por um verbo *finito* + um verbo no *infinitivo* ou antecedido por dois verbos no infinitivo. O segundo verbo da estrutura funciona como uma locução junto ao gerúndio posterior. Na comunhão entre um auxiliar (sendo um verbo finito ou na forma nominal do infinitivo) e a locução com gerúndio, gera-se uma estrutura perifrástica maior, sem constituir, no caso, mais de uma oração. Analisem-se (20b) e (20c), abaixo:

- (20b) *Supor estar falando* a verdade
(20c) *Suponho estar falando* a verdade

Por outro lado, na posição inicial, pode aparecer um verbo no gerúndio, seguido de dois verbos em formas nominais distintas, um no *infinitivo* e um no *particípio*, exatamente nesta seqüência:

- (21) *Supondo ter dito* a verdade.
(21a) *Supondo ter estado* aqui.

O mesmo não ocorreria se, ao invés de *ter*, no infinitivo, se colocasse o verbo *estar* no infinitivo:

- (21b) * *Supondo estar dito* a verdade.
(21c) * *Supondo estar tido* aqui.

O que se verifica, quanto aos ordenamentos sintáticos pelos quais os verbos se configuram nas construções perifrásticas, sobre o que acompanha ou não os acompanha, bem como a natureza / característica de determinado (s) verbo (s) nas estruturas, é uma

verdadeira celeuma de natureza gramatical. Frequentemente, os gramáticos fazem afirmações deterministas sobre as características dos verbos auxiliares e os seus possíveis ordenamentos sintáticos que podem constituir nas locuções e/ou perífrases verbais. O determinismo não é bem visto em nenhuma área científica, pois a ciência avança e as verdades não são absolutas. Ainda mais em se tratando de língua.

Ilari (1997: 34), lucidamente, afirma que “a interação de auxiliares é um fenômeno mal conhecido que propõe ao lingüista, entre outras, as tarefas de inventariar as possíveis ocorrências, justificá-las e explicar como se interpretam”.

O verbo *estar*, na maioria das estruturas apresentadas ao longo deste capítulo, e nas que serão listadas mais adiante, pode ser substituído por outro verbo de características sintáticas próximas, como *começar*, *ficar*, *parecer*, *andar*, *continuar*, *acabar*, *terminar* e *permanecer*.

Entretanto, o mesmo não se verifica com o verbo *ser*, ainda que também seja considerado por Costa (1980: 54) como um *auxiliar aspectual*, expressando uma “forma neutra aspectual, isto é, a forma perfectiva”. Estruturas com o verbo *ser* em perífrases triverbais similares a (20b), (20c) apareceriam com este verbo ou na posição inicial, ou na posição final da perífrase. Não apareceriam, contudo, numa posição intermediária, como em (22) e (22a):

(22) **Supor ser falando* a verdade

(22a) **Suponho ser falando* a verdade

Para Perini (1994: 236):

um auxiliar é uma subclasse dos verbos. Acredito que o que caracteriza os auxiliares dentro do grupo geral dos verbos é o fato de que aceitam ser complementados por um dos complementos do predicado; em outras palavras, “auxiliares” é na verdade o rótulo de transitividade de determinados verbos.

Caberia questionar a afirmação de Perini com uma simples pergunta: e determinadas formas nominais, enquanto ocupam a posição de auxiliares, denotariam uma certa transitividade ao verbo? Em outra obra, Perini (1996: 75), afirma que, quanto aos modais, “é necessário considerá-los também auxiliares porque, quando seguidos de infinitivo, não apresentam traços próprios de transitividade”. Mas Perini (1994:236) não considerou a transitividade como uma característica inerente aos verbos auxiliares? Seriam um tanto quanto paradoxais as duas passagens em distintas obras de um mesmo autor.

Quanto a (23) e (24), a serem listadas abaixo, o que chama a atenção e as distingue é a presença do verbo *ser*, de caráter perfectivo, vir em (23) sob a forma de gerúndio. Em (24), tem-se dois verbos (os modalizadores *dever* e *poder*) funcionando como auxiliares da locução com gerúndio seguinte. Um em forma finita, o outro em forma nominal, a seguir:

(23) *Pode estar sendo dita* a verdade a ele

(24) *Deve poder estar dizendo* a verdade a ele

Os verbos *poder* e *dever* “têm sido tratados na literatura como verbos altamente ambíguos” (LUNGUINHO, 2005: 126). São verbos auxiliares modais bastante produtivos na formação de perífrases verbais, sobretudo com o gerúndio.

Sem querer extrapolar os limites – se é que eles existem, como seriam e quais seriam – da quantidade de verbos possíveis nas perífrases com gerúndio, ou até mesmo das possibilidades de ordenação entre verbos finitos e formas nominais, ora como verbos auxiliares, ora como principais, observem os exemplos adiante de estruturas possíveis, talvez estranhas, mas que não são sentenças agramaticais. Como em (25) e (26):

(25) *Deve poder estar sendo dita* a verdade a ele

(26) Talvez ele *deva poder vir a estar falando* a verdade

É bem verdade que analisar as estruturas (25) e (26) não é tão fácil quanto analisar locuções verbais ou perífrases com apenas três verbos. Existem limites perifrásticos que devem ser respeitados e observados, para não se correr o risco de considerar uma perífrase o que se pode tratar de uma estrutura com duas ou mais orações.

Como se verificou nas estruturas-base e nas suas adjacentes ao longo do trabalho, ainda que não seja uma análise exaustiva, o gerúndio, em construções perifrásticas, pode ocupar a posição inicial, intermediária ou final da perífrase verbal. Normalmente, ocupa o estatuto de verbo principal, quando um maior número de estruturas pode ser verificado, conforme se atesta na maioria das construções listadas acima.

As estruturas perifrásticas verbais normalmente se constroem sob bases das locuções verbais. Segundo Bechara (2006: 230), “chama-se locução verbal a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou participio de outro verbo que se chama principal”. Nos casos de locução verbal, o

gerúndio será sempre o verbo principal e o verbo antecessor, o auxiliar. Exceto se for um caso de gerúndio composto, em que o verbo auxiliar se flexiona na forma nominal do gerúndio e o verbo seguinte, no infinitivo ou no particípio, sendo considerado o verbo principal, como em (27):

(27) *Tendo feito o exercício...*

Uma locução verbal, segundo Almeida (1985: 309), pode ser constituída por mais de dois verbos, mas “a idéia principal será sempre expressa pelo último, indicando os outros a idéia ou idéias acessórias” (ALMEIDA, 1985: 309).

O verbo *estar* possui alta produtividade na formação de locuções e perífrases desde o português arcaico, conforme postula Campos (1980: 34):

passando para as perífrases formadas com verbos de estado, observamos que, nessa fase do português, encontram-se, com mais freqüência, as de *estar* seguidas pelas de *ser* (13/61 ocor. com *estar* e 6/61 ocor. com *ser*).

A grande produtividade desse verbo acontece não só em estruturas do *estar* + gerúndio, mas também do *estar* + particípio, *estar* + infinitivo, e com outros verbos auxiliares ou principais, em variadas naturezas, pessoas, tempos, modos e aspectos verbais. Mattos e Silva (1989: 455), com base em Mattoso Câmara Jr. (1975: 171) analisa as locuções do verbo *estar* + *gerúndio* distintas de uma significação original para o verbo *estar* como um verbo estático, de estado. Algumas estruturas locucionais dinamizam seu caráter estático de tal maneira que o verbo *estar* passa a designar uma sucessão de ações. Por conseguinte, outorgam-lhe um aspecto durativo concomitantemente ao gerúndio da locução verbal. Como exceção à regra, em outros momentos, “se pode depreender a significação de *estar* como verbo pleno enquanto o verbo no gerúndio expressa um acto simultâneo ao de *estar*” (MATTOS e SILVA, 1989: 455-456). Nestes casos, é mantido o caráter de estado do verbo *estar*.

Verifica-se que a produtividade do verbo *estar* é bastante freqüente no português contemporâneo, sobretudo em construções perifrásticas com o gerúndio. Além desse verbo, Campos (1980: 33) observa uma grande produtividade dos verbos *ir*, *andar* e *vir*, na época do português arcaico, e que ainda hoje se confirmam nas perífrases do português contemporâneo. A mais conhecida delas, porém estigmatizada, refere-se à estrutura: verbo *ir* como forma finita + verbo *estar* no infinitivo + *gerúndio*, conhecida, vulgarmente, como “gerundismo”, conforme visto na introdução e cujo foco central interessa mais diretamente a este trabalho.

3.2 Verbo *ir* + *-ndo*

Das possibilidades de construções perifrásticas com gerúndio, verifica-se, também, uma alta produtividade do verbo *ir* antecedendo a locução verbal *estar* + gerúndio. Para este trabalho, esta é a estrutura mais importante e a que corresponde aos objetivos desta pesquisa. Inicialmente, tem-se a expressão canônica, conhecida como “gerundismo”, representada por (28):

(28) *Vou estar falando* com ele.

O que se pode questionar, preliminarmente, é por qual motivo (28) é tão estigmatizada, quando outras possibilidades perifrásticas com o verbo *ir* + um verbo no gerúndio, que serão vistas ao longo deste capítulo, não o são. Um primeiro exemplo é se o verbo *ir*, na posição inicial desse tipo de estrutura perifrástica, não estivesse flexionado no presente do indicativo. Haveria estigmatização da construção? Observem-se as construções (28b), (28c), (28d):

(28b) *Iria* estar tentando (verbo *ir* em forma finita do futuro do pretérito do indicativo)

(28c) *Irei* estar tentando (verbo *ir* em forma finita do futuro do presente do indicativo)

(28d) *Ia* estar tentando (verbo *ir* em forma finita do pretérito imperfeito do indicativo)

Todavia, deve-se levar em consideração que nem todos os tempos verbais do verbo *ir* podem formar estruturas correlatas a (28). Como em (29):

(29) * *Fui* estar tentando (verbo *ir* em forma finita do pretérito perfeito do indicativo)

A forma verbal do pretérito perfeito tem caráter perfectivo, o que contrasta com o caráter imperfectivo durativo de estruturas com *estar* + gerúndio. Portanto, o verbo *ir* no pretérito perfeito, por incompatibilidade aspectual, agramaticaliza a estrutura. Para Lunguinho (2005: 73), a forma do verbo *ir* flexionada no pretérito perfeito “pertence a um outro paradigma que não é o de futuro”. Portanto, esse tempo verbal não é de interesse neste trabalho.

O mesmo ocorreria, segundo Costa (1990: 75), se o verbo *ir* estivesse no pretérito perfeito composto do indicativo. Neste caso, caberia o verbo *vir*, ao invés de *ir*. Assim, (30), (31) seriam agramaticais e (32), (33) gramaticais:

(30) * Eu *tenho ido lendo*

- (31) * *tem ido sendo lido*
(32) Eu *tenho vindo lendo*
(33) *Tem vindo sendo lido*

A proposta de explicação, que sugere Costa (1990: 75), é a seguinte:

a incompatibilidade se dá entre traços semânticos do auxiliar *ir* e o valor temporal / aspectual do Pretérito Perfeito Composto. Esse tempo verbal expressa um fato em curso cujo início se situa no passado e, portanto, o seu curso se encaminha para o presente, que é, logicamente, o ponto locativo / temporal do falante. O verbo *ir* não pode ser usado nesse contexto, porque expressa o curso de fatos *a partir de* um ponto locativo/temporal qualquer, enquanto o Pretérito Perfeito Composto expressa o curso de fatos que, embora possamos inferir que têm o seu início no passado, têm como referência principal não o ponto de *partida*, e sim o ponto de *chegada* (...) Por essa razão, o verbo *ir* não pode ser usado e é substituído pelo seu par opositivo semântico no que diz respeito à direcionalidade do fato verbal expresso, ou seja, o verbo VIR.

Para Campos (1980: 82), o surgimento de perífrases verbais, e, por sua vez, das perífrases gramaticais como um todo, que corresponderiam, também, a outros tipos de perífrases formadas por outros elementos da língua, não somente as verbais, surgem:

quando o sistema morfológico da língua não dispõe de recursos para exprimir determinados conceitos. As perífrases verbais ocupam lugar de destaque entre essas construções, formando um sistema secundário bastante amplo que contempla a conjugação verbal, indicando os matizes de tempo, modo e aspecto. (CAMPOS, 1980: 82).

As perífrases verbais já existiam desde as línguas indo-européias, como afirma Câmara Jr. (1979: 130): “as línguas indo-européias sempre conheceram, ao lado das formas flexionais do verbo, composições de duas formas verbais para expressarem categorias ou nuances categóricas que não estão presentes no quadro das flexões.” E conclui: “o futuro, por exemplo, constituiu-se comumente dessa maneira” (CÂMARA JR., 1979: 163).

Ilari (1997: 28) atesta que algumas perífrases do período românico originaram morfemas de tempo do português, com “construções no interior das quais um verbo dotado alhures de sentido autônomo se introduziu a morfema gramatical”.

Essa carência de formas de futuro do pretérito no latim culminou no surgimento de línguas românicas também carentes dessa forma verbal. Assim, “unindo ao infinitivo o presente de *haver* para o futuro do presente e criando análogamente o futuro do pretérito pela junção do imperfeito *havia* (contraído em *hia*) ao infinitivo” (SAID ALI, 1966: 143), herdou-se no português o que viria a ser o morfema de futuro.

Machado Filho (2005) assegura que:

desde o futuro locucional latino – analítico, formado pelo infinitivo de qualquer verbo principal e pelo presente do indicativo do verbo *habere*, em construções como *amare habeo*, possibilitou o surgimento do futuro do presente português *amarei* – sintético, pelo processo de gramaticalização histórico, a língua portuguesa tem transitado entre uma ou outra estratégia de elaboração morfossintática, sem que isso tenha significado qualquer malabarismo ou contorcionismo, sequer espiritual.

Segundo Vidos (1996: 299):

com base no critério analítico-sintético, as línguas românicas não podem ser caracterizadas separadamente nem em suas relações entre si, mas somente em relação com o latim, e ainda assim, condicionalmente. A afirmação de que as línguas românicas são analíticas e o latim é sintético é justa, com a condição de que com isso não se queira excluir que as línguas românicas também sejam sintéticas e o latim seja também analítico.

No entanto, conclui Vidos (1996: 299) que o que caracterizou o grau de distanciamento das línguas românicas com o latim foi o critério conservador-inovador das suas formas. Assim, “todas as línguas românicas são mais conservadoras do que o francês, e o francês é a língua românica mais inovadora” (VIDOS, 1996: 299). E quanto às inovações, as influências estrangeiras possuem grande contribuição. (VIDOS, 1996: 299).

3.3 Outras Perífrases com gerúndio e o “Gerundismo”

Existem outras estruturas, no mínimo, curiosas, quanto ao emprego do verbo *ir* mais um verbo na forma nominal do gerúndio, sobretudo quando este representa o mesmo verbo que o seu auxiliar, em forma finita, como em (34):

(34) *Vou indo* (verbo *ir* em forma finita + gerúndio do verbo *ir*)

Essa estrutura já foi estudada por diversos autores e já se consagrou nos diversos gêneros textuais, mais prototipicamente falados ou escritos e nos gêneros híbridos. E, quando não, (34) pode ter um uso recorrente e ampliado em estruturas similares a (35):

(35) *Vou indo* fazer o exercício

Ainda que existam limites norteadores do que seria permitido ou não em construções perifrásticas (falando-se em termos de gramaticalidade / agramaticalidade de sentenças, de norma-padrão e não de gosto estilístico dos puristas), não pareceria

agramatical uma sentença como (35), visto que é um tipo de estrutura comumente utilizada na língua portuguesa, como bem atesta Costa (1990: 76): “essa parece ser uma incompatibilidade apenas no nível da *norma*, posto que se podem ouvir não tão raramente, em português, frases do tipo: “eu vou ir”.

Existem outras estruturas geneticamente similares ao que se considera como “gerundismo”. No entanto, assim não são denominadas ou facilmente passam despercebidas pelo critério de estigmatização, ou seja, não são condenadas por gramáticos e não ganham coro nos meios de comunicação. Analise-se (36):

(36) *Vou tentando ir* para casa (verbo *ir* em forma finita + gerúndio + verbo *ir* no infinitivo).

O que se observa, em (36), é que, ao se mudar o verbo *estar* (em estruturas consideradas como “gerundismo”) por um outro verbo, parece não estigmatizar a estrutura.

A mesma aparente não-estigmatização parece ocorrer quando o verbo *ir* vem na posição de auxiliar em forma nominal do infinitivo, antecedido de um auxiliar no gerúndio e precedendo um outro verbo no infinitivo, consoante se verifica em (37):

(37) *Podendo ir fazer* o exercício, Manuel preferiu assistir Tv

Ou quando o primeiro auxiliar, estando em forma finita ou nominal \neq dos verbos *ir* e *estar*, seguido do verbo *estar* no infinitivo + o gerúndio do verbo *ir*, antecedido um outro verbo no infinitivo (portanto, uma perífrase quadriverbal), não parece estigmatizar ou agramaticalizar estruturas como em (38), (38a), e (38b):

(38) Podendo estar indo fazer
(38a) Poder estar indo fazer
(38b) Pode estar indo fazer

Um outro tipo de construção que também torna curiosa a sua aparente “não-estigmatização”, é quando se insere um SAdv em estruturas consideradas como “gerundismo”. Como em (39):

(39) *Vou estar sempre tentando*

A própria presença do SAdv, independentemente de sua posição na estrutura, “mascararia” a perífrase estigmatizada do gerúndio, conhecida como “gerundismo”.

Todos os exemplos listados sobre possíveis e impossíveis perífrases (vide agramaticalidade / gramaticalidade de algumas sentenças) com o verbo *ir* servem de base para a análise do que se considera como “gerundismo”. Algumas perífrases possuem estruturas mais parecidas com o que se canonizou midiaticamente como a “Síndrome do Vamos estar Transferindo a sua ligação”. Sobre as perífrases quase correlatas ou bem próximas, algumas já foram listadas. Outras, podem ser também analisadas, como em (40):

(40) *Vou começar falando* (verbo *ir* em forma finita do presente do indicativo + verbo de ligação no infinitivo ≠ estar e de *ir* + gerúndio)

A mesma impressão de não-estigmatização se daria ao substituir o verbo *começar* por outros verbos, tais como: *terminar, acabar, ficar, permanecer, andar, parecer* e outros.

Quando se fala em “gerundismo”, é bem verdade que, *a priori*, possa se pensar que o gerúndio seja, de fato, o “causador” de tantos transtornos na aceitação dessas estruturas pela norma-padrão, ainda que fartamente utilizada por falantes de algumas normas cultas. O gerúndio em estruturas monoverbais vem sofrendo estigmatização já há um bom tempo. Segundo Campos (1980: 20):

fez-se muita oposição ao emprego do gerúndio que equivale a uma oração adjetiva, principalmente na Península Ibérica. Diversos gramáticos portugueses e espanhóis condenavam totalmente seu uso, como Julio Moreira e Epiphânio da Silva Dias, ou ainda faziam-lhe restrições, aceitando-o apenas quando exprimisse ações transitórias.

Segundo a autora, tal estigmatização pode ser encontrada, também, em outros escritores que aceitavam seu uso somente em algumas situações, como Souza Lima, Gladstone Chaves de Melo e Luís Carlos Lessa (em relação á língua portuguesa) e Cuervo, Gili y Gaya e Criado de Val (para o espanhol) (CAMPOS, 1980: 20).

Contudo, o gerúndio, em estruturas perifrásticas consideradas como “gerundismo”, não parece ser o causador da estigmatização das perífrases, como mostram os exemplos de estruturas correlatas, similares ou próximas ao “gerundismo” e que, por sua vez, não são condenadas pelos gramáticos e não são reproduzidas nos meios de comunicação como estruturas “erradas”. O verbo *ir*, como visto em estruturas em que seu uso em forma nominal ou forma finita não pertencente ao presente do indicativo, parece não estigmatizar algumas estruturas mas o faz se estiver como forma finita no presente do indicativo e como o primeiro verbo auxiliar, seguido do verbo

estar + gerúndio. Para alguns autores, o “gerundismo” seria aceito se o verbo na forma nominal do gerúndio contiver uma natureza original aspectual de duração, portanto, verbos pontuais e de outras características aspectuais antagônicas seriam considerados usos “incorretos” nessas estruturas. Verifica-se que “o problema é mais embaixo”, se é que assim se pode falar. Independentemente da natureza verbal do verbo principal que estará no gerúndio, o verbo *ir*, por ter adquirido, ao longo do tempo, um caráter gramatical, funcionando como morfema de futuro analítico em construções como “vou fazer” em detrimento ao futuro sintético “farei”, seria o que mais contribuiria para a estigmatização de estruturas como “nós vamos estar transferindo a sua ligação”. É bem verdade que existe uma contribuição dos outros verbos para a estigmatização dessa estrutura, assim como não cabe somente ao gerúndio “carregar a cruz” da estigmatização, não caberia, também, somente ao verbo *estar* ou somente ao verbo *ir*. Entretanto, o verbo *ir*, quando em forma finita no presente do indicativo, parece ser o que atribui uma maior carga de estigmatização à perífrase *ir* + *estar* + gerúndio.

O “gerundismo” – uma terminologia bem empregada, se for levada em consideração a carga semântica depreciativa que a expressão denota, oriunda do morfema derivacional “-ism-”, usado na construção desta neologia denominativa, face à intenção de ridicularizar o fenômeno – voltou a colocar o já tão sofrido gerúndio “no paredão” da estigmatização. Dessa vez, numa estrutura perifrástica, quando, normalmente, a sua condenação vinha através de formas soltas (estruturas monoverbais) e com as avaliações mais estapafúrdias como “justificativa” para o seu não-emprego, sobretudo por razões estilísticas, como “não iniciar período com o gerúndio” e outras regrinhas obsoletas e sem sentido.

Essa “celeuma” com o pobre gerúndio ocorreu em variados momentos da história. Campos (1980: 67) fala em “gerúndio em expressões estereotipadas”, cujas ocorrências funcionavam como verdadeiras fórmulas feitas, possuindo características de advérbios, conforme se vê em (44):

- (44) Sair *voando*
Sair *ventando*
Passar *voando*
Passar *raspando*” (Campos (1980: 67)

Além das expressões canônicas como “assim sendo e sendo que” (CAMPOS, 1980: 67).

O gerúndio em orações adjetivas de gerúndio também nunca foi bem visto. No lugar de seu uso, os gramáticos recomendam outras formas, como o infinitivo e outros “recursos estilísticos”.

Almeida (1985: 559- 560) categoriza como incorreto o emprego do gerúndio em casos em que se pode substituir seu uso por orações subordinadas, pela preposição *de* ou por um particípio latino terminado em *-nte*.

Ao se considerar o uso do “gerundismo” inadequado, no que diz respeito à seleção do verbo principal que está no gerúndio, ou seja, na extremidade direita da perífrase, como sendo um verbo de natureza aspectual conflitante com o aspecto durativo emitido pela expressão *estar + -ndo*, não se levam em consideração os aspectos sintáticos (são construções gramaticalmente adequadas) e pragmáticos (os usos, novos contextos que permitem a sua utilização). Costa (1990: 14) mostra, através de um diagrama, os traços aspectuais dos verbos *cair*, *quebrar*, *crescer*, *ler* e *continuar*. Aqui se usará como exemplo o verbo *quebrar*, também mais detalhadamente trabalhado pela autora. Para este verbo, Costa o fragmentou como um verbo com traço [– durativo] e [– permanente]. Em princípio, constatar-se-ia que o verbo *quebrar* seria um verbo inadequado para estar na forma nominal do gerúndio, pois dois de seus traços aspectuais contrastam com as características de duração e permanência que o gerúndio lega às formas verbais. No entanto, como bem observado por Costa, quanto a novos contextos pragmáticos que permitiriam a realização de sentenças como “o vaso permaneceu quebrando”, poder-se-ia ter, por exemplo, o fato de que, com o recurso de uma câmera, esta sentença não se tornaria inverossímil.

Embora Costa não tenha falado sobre o “gerundismo” em seu livro, nomenclatura, por sua vez, inexistente na época, mas cuja presença já se verifica há um tempo, ainda que recente, mas significativo - pois Perini (1996: 75) já falava sobre essas estruturas, sem, também, utilizar o nome “gerundismo” -, pode-se fazer uma relação entre o exemplo dado pela autora “o vaso permaneceu quebrando” com a expressão atual e estigmatizada “o vaso vai estar quebrando na cena seguinte”, também possível num contexto de uma gravação em câmera lenta, ao se anunciar uma cena que ainda será vista naquele filme / documentário, etc.

Pontes (1973) trabalhou com algumas estruturas que hoje são consideradas “gerundismo”. Logo, este fenômeno não parece ter surgido nos *contact centers* (visto que estes só ganharam projeção, no Brasil, no final da década de 90 e início do século XXI); não parece ser uma tradução literal ou mal-feita de perífrases correlatas à língua

inglesa e nem tampouco deve ser analisado de forma reducionista, visto que os contextos pragmáticos devem ser levados em consideração.

O que gera tantos impropérios na análise do “gerundismo” e de outros fenômenos de inovação e / ou variação lingüística é a falta de conhecimento acerca das estruturas da língua e dos fenômenos lingüísticos, o que ocasiona uma "celeuma de natureza sociolingüística", como disse Machado Filho (2005), referindo-se, em especial, ao “gerundismo”. E quanto a um fenômeno de inovação e / ou variação:

os falantes no processo de aquisição da linguagem podem, plenamente, marcar novos parâmetros para antigos valores da língua, fazendo com que determinadas estruturas passem a significar novas possibilidades de interpretação (MACHADO FILHO, 2005).

Suspeita-se que o “gerundismo” seja um caso de *IRISMO*, uma analogia proposta pelo orientando, para brincar com a neologia de raízes morfológicas estigmatizadas. Ou, talvez, seja um caso de *IRINDO*, se se considerar o *gerúndio* como “cúmplice” do verbo *ir*, tendo como “advogados do diabo” os gramáticos normativistas e como réus, os utentes do português brasileiro. Sírio Possenti, no artigo “Defendendo o Gerúndio”, considera as estruturas chamadas de “gerundismo” como um caso de “estarismo”, pois, segundo o autor, se “*estar* é um verbo auxiliar durativo, só pode (ria) ocorrer com verbos durativos. Ocorrendo com outros, o resultado causa estranheza”.

O “problema”, se é que assim se pode considerar como tal, não estaria no emprego do gerúndio nessas construções, mas no caráter morfemático que o verbo *ir* adquiriu ao longo dos séculos. No plano morfossintático, poder-se-ia aventar a possibilidade de uma variação, já que as perífrases analíticas continuam co-ocorrendo com as sintéticas. Num viés pragmático, se poderia justificar a ocorrência de “gerundismo” pelos novos contextos sociomodernos pelos quais a população vem passando, cuja dinâmica das relações de cursividades paralelas se configuram em multitarefas realizadas ao mesmo tempo, podendo, *a priori*, causar certo “estranhamento” e observações infundadas de que as pessoas se utilizam do “gerundismo”, por exemplo, como “desculpa” para procrastinar ou “enrolar” atividades, processos, ações em curso. Sob este ponto de vista, poder-se-ia falar que o “gerundismo” é um fenômeno de inovação lingüística.

Que tipo de variação se instaurou ou se poderia interpretar o “gerundismo”? Seria uma variação diatópica, diastrática, diagenérica, diatécnica e / ou diafásica? Talvez possa configurar uma variação diafásica, pois em contextos de maior

formalidade pode ser menos usual, face a um grau de “exigência” mais próximo à uma norma regulamentadora, a norma-padrão, sempre falaciosamente idealizada. Assim, em reuniões formais, seminários, congressos, pode haver um número de ocorrências menor.

Durante esta pesquisa, verificou-se que a utilização da perífrase estigmatizada do gerúndio ocorre em gêneros bem variados, como eventos acadêmicos (inclusive por professores com doutorado), em entrevistas nos noticiários, na fala dos jornalistas, em trechos falados por personagens de telenovelas, em falantes de várias idades (sem distinção de sexo, raça, nível de escolaridade.) Portanto, considera-se tratar de um fenômeno altamente espreado na língua portuguesa do Brasil, o que particulariza ainda mais o português que aqui se fala com o português europeu e dos países lusófonos.

Mas por que há estigmatização e associação desse fenômeno lingüístico aos operadores de teleatendimento? Certamente por haver um preconceito social, antes de tudo, em virtude de ser uma profissão mal-remunerada, já estigmatizada pela qualidade nem sempre primorosa de seus serviços e, sobretudo, amplificada pelos meios de comunicação, em programas que fazem paródias com os operadores de teleatendimento, sempre referindo-se a eles como os disseminadores dessa “praga linguística”, caricaturando a fala desses profissionais, em quadros como o Família *Telemarketing*, do Programa Cassetta e Planeta e da personagem Viviane Viva Voz, operadora de teleatendimento do humorístico Zorra Total, ambos veiculados na Rede Globo de Televisão.

O “gerundismo” não é um erro gramatical, mas consideram-no como um vício de linguagem. Brandão (2004: 11) afirma que “a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais”.

Por que outras perífrases com gerúndio de mesmas dimensões ou similaridades não são consideradas um caso de “gerundismo”? Talvez não se trate de um gerúndio-eremita, não seja uma culpa que o gerúndio carregue solitariamente em relação aos outros verbos da estrutura perifrástica. Existe um componente forte que é o caráter morfemático do verbo *ir* na construção de estruturas de futuro analítica e que não pode ser desconsiderado.

O que se pode concluir sobre os ditames da NGB, em relação aos fenômenos de variação e / ou inovação, é que os mecanismos de aceitação e exclusão são os mais estanques. Cunha e Cintra (1985: 3) comentam que “numa língua existe, pois, ao lado da força centrífuga da inovação, a força centrípeta da conservação”.

Para Mattos e Silva (1991):

a compreensão da historicidade de uma língua nos faz compreender e explicar a heterogeneidade corrente nas diversas formas de se expressar em português. Se levarmos a sério esse fato, passaremos a ter atitudes e comportamentos sociais em relação aos usos lingüísticos de outra natureza: não seremos sectários, puristas fora do tempo e espaço.

Machado Filho (2007: 7) complementa que:

diversas têm sido as matérias publicadas nos meios de comunicação, em que a língua – nomeadamente a língua portuguesa – assume um caráter de “vítima”, em face dos usos ditos “inadequados” de seus próprios falantes ou utentes, que – conquanto sejam seus reais detentores – são acusados de lhe imprimir, antagonicamente, um papel ilegítimo no lúdico exercício de suas faculdades da linguagem.

E, por fim, conclui Costa (2007: 11), de forma inquiridora:

que ambientes frequênta a nossa norma-padrão? Manuais de redação dos considerados grandes jornais do país? A escrita de nossos jornalistas, literatos, cientistas? Os discursos dos nossos políticos? Os telejornais, as teleentrevistas? Os arrazoados e normas dos juristas? A pregação religiosa? A fala ou a escrita de profissionais de todas as partes do País? Quem deve ser tomado como modelo?

Em suma, por mais que se tente levar em conta os aspectos sociolingüísticos e pragmáticos que devem ser analisados nos fenômenos de variação e / ou inovação lingüística, “não se processa uma ruptura fundamental, pois a questão do sentido continua sendo tratada, essencialmente, no interior do lingüístico” (BRANDÃO, 2004: 15).

A língua, por sua vez, é um sistema vivo. O “gerundismo” é mais um de seus fenômenos de mutabilidade. Atualmente, representa um dos maiores *apartheids* lingüísticos que se tenta fazer. “Gerundiofóbicos” surgem de todos os lados, no combate ao TOG – Transtorno Obsessivo Gerundístico. Eis que surge uma metafísica do gerúndio: o gerundismo.

A ABT – Associação Brasileira de Telesserviços lançou uma cartilha “recomendando” a não-utilização do “gerundismo” nas Centrais de Relacionamento com o cliente. Existem empresas, como a Atento Brasil S/A, uma grande multinacional que tem várias filiais no Brasil e no mundo, uma das maiores empresas em *contact center*, que premia seus funcionários que não utilizam o “gerundismo” durante o atendimento ao cliente. A Atento Brasil S/A e outras empresas do ramo criam campanhas de incentivo com benefícios em dinheiro, folgas, para quem cometer menos “infrações” dessa natureza.

É ridículo pensar que governantes, corporações e gramáticos queiram fazer da língua portuguesa uma extensão de suas incongruências argumentativas. Perini (1996: 52) diz que “a língua tem uma vida e um funcionamento próprios, que não dependem em absoluto dos desejos, crenças ou determinações dos gramáticos ou lingüistas.” E não menos dos empresários!

No próximo capítulo, verificar-se-ão os resultados desta pesquisa, cuja finalidade foi interpretar o “gerundismo”, no português do Brasil, em perspectiva diacrônica. O “gerundismo” já estaria, então, previsto em algum momento da língua? Os resultados da pesquisa apontarão para isso, mais adiante.

4 RESULTADOS

Como anteriormente explicitado, a presente pesquisa concentrou-se na observação das perífrases sintéticas do verbo *estar* no futuro do presente ou do pretérito + o gerúndio de outro verbo e da perífrase analítica estigmatizada conhecida como “gerundismo”, cuja estrutura é composta pela seqüência verbal: *ir* (em forma finita do presente do indicativo) + *estar* (no infinitivo) + o gerúndio de outro verbo.

Por conta disso, manteve-se a vontade inicial de se trabalhar com as estruturas do verbo *estar* + gerúndio. O que se pôde observar, no CP, foi uma maior produtividade do verbo *estar* nas perífrases com gerúndio quando comparadas às locuções e perífrases dos verbos *acabar*, *terminar*, *andar*, *parecer*, *permanecer*, *ficar*, *continuar* e *começar* + o gerúndio de outro verbo.

Consideraram-se locuções as estruturas biverbais e perífrases, as triverbais. Na Tabela 1⁷, abaixo, podem-se verificar as ocorrências encontradas para o verbo *estar* + gerúndio em locuções e perífrases bem como uma listagem de 8 verbos de funcionalidades sintáticas próximas verbo *estar*.. O intuito era comprovar a produtividade do verbo *estar* em detrimento dos demais nas locuções e perífrases com gerúndio:

⁷ Veja-se que [v*] representa qualquer verbo em forma finita ou nominal e [vg*], qualquer verbo no gerúndio.

Sintaxes - (CP)

Estruturas listadas Ocorrências listadas

estar* [vg*]	828	620
[v*] estar* [vg*]	420	484
acabar.* [vg*]	843	1427
[v*] acabar.* [vg*]	44	49
terminar.* [vg*]	118	152
[v*] terminar.* [vg*]	7	7
andar.* [vg*]	1000	1412
[v*] andar.* [vg*]	54	55
parecer.* [vg*]	19	22
[v*] parecer.* [vg*]	0	0
permanecer.* [vg*]	30	32
[v*] permanecer.* [vg*]	1	1
ficar.* [vg*]	1000	2330
[v*] ficar.* [vg*]	136	144
começar.* [vg*]	136	170
[v*] começar.* [vg*]	12	12
continuar.* [vg*]	763	1308
[v*] continuar.* [vg*]	119	131

Tabela 1. Comparação entre estruturas do verbo *estar* + *-ndo* e outros verbos + *-ndo*, no CP.

Como se pode observar na tabela 1, acima, a estrutura *estar** [vg*] (ou seja, uma construção que representa perífrases sintéticas com o verbo *estar* em forma finita do futuro do presente ou do futuro do pretérito + o gerúndio de outro verbo) foi bastante produtiva. No entanto, a estrutura *estar.** [vg*] não teve tanta produtividade. Esta estrutura não permitiu a consulta por 100.000 ACERTOS # e, sim, apenas 100 ACERTOS #. Para uniformizar os dados da pesquisa e por uma questão de coerência com os objetivos propostos, optou-se por não colocar o lema (.) após o verbo *estar*, diferentemente do que foi feito com os demais verbos, para que se pudesse manter os 100.000 ACERTOS # iniciais e, conseqüentemente, um resultado produtivo. O lema (.) é uma funcionalidade que o *site* disponibiliza para que sejam encontradas, também, estruturas alomórficas ou estruturas do português arcaico ou moderno, por exemplo, cujas grafias sejam distintas das do português contemporâneo.

Quanto às estruturas *estar** [vg*] e [v*] *estar** [vg*], foram as únicas em que se fez uma triagem quanto às ocorrências pertinentes, ou seja, consideraram-se apenas as formas finitas do verbo *estar* no futuro do presente e do pretérito, no modo indicativo.

Assim, das 828 estruturas encontradas na estrutura *estar** [vg*], 620 correspondiam aos interesses da pesquisa. Como o *site* não permite a busca de um determinado verbo em uma forma finita tão específica (pôde-se verificar, no entanto, a ocorrência de verbos no futuro do presente e do pretérito, mas não especificar qual verbo nessas formas se gostaria de encontrar), descartou-se, manualmente, o que não era pertinente.

Isso não foi feito com os verbos *acabar*, *terminar*, *andar*, *parecer*, *permanecer*, *ficar*, *continuar* e *começar*. Para estes, o interesse era apenas confrontá-los em termos de produtividade em estruturas locucionais e perifrásticas às estruturas com o verbo *estar*. Mesmo se fazendo uma seleção das estruturas com o verbo *estar* + *-ndo*, pôde-se verificar a produtividade deste em detrimento daqueles em estruturas triverbais, ainda que em estruturas biverbais os verbos *acabar*, *andar* e *ficar* tenham apresentado maior produtividade. No entanto, como o “gerundismo” e outras perífrases similares a ele, como algumas vistas neste trabalho, se apresentam em estruturas triverbais, este foi mais um dos motivos para a escolha do verbo *estar*.

A produtividade do verbo *estar* + *-ndo* pode ser verificada numa curva ascendente no Gráfico 1, abaixo:

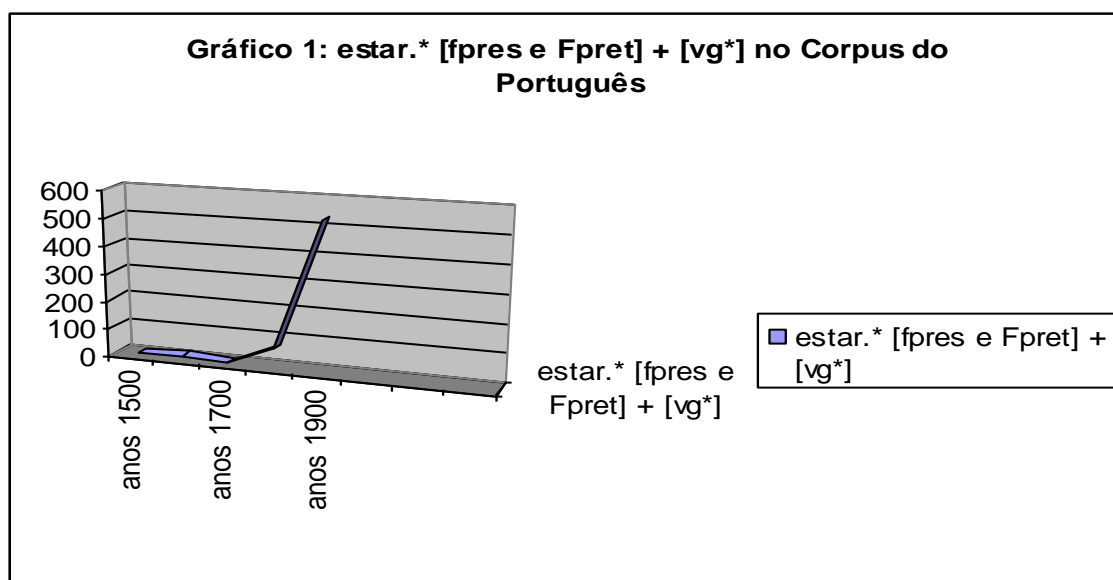


Figura 1 – Gráfico sobre a Produtividade do verbo *estar* + *-ndo*, de 1500 a 1900’s no CP

O gráfico 1 demonstra com clareza uma crescente ocorrência das perífrases sintéticas do verbo *estar* em forma finita do futuro do presente e do futuro do pretérito do indicativo, sobretudo nos anos de mil e oitocentos’s, tendo seu ápice nos anos de mil e novecentos’s.

Como o *Corpus* do Português permite a visualização por gêneros textuais nos anos de mil e novecentos's, foi imprescindível se analisar as perífrases sintéticas do verbo *estar* + *-ndo* quanto aos seus contextos de origem, conforme atesta o Gráfico 2, abaixo:

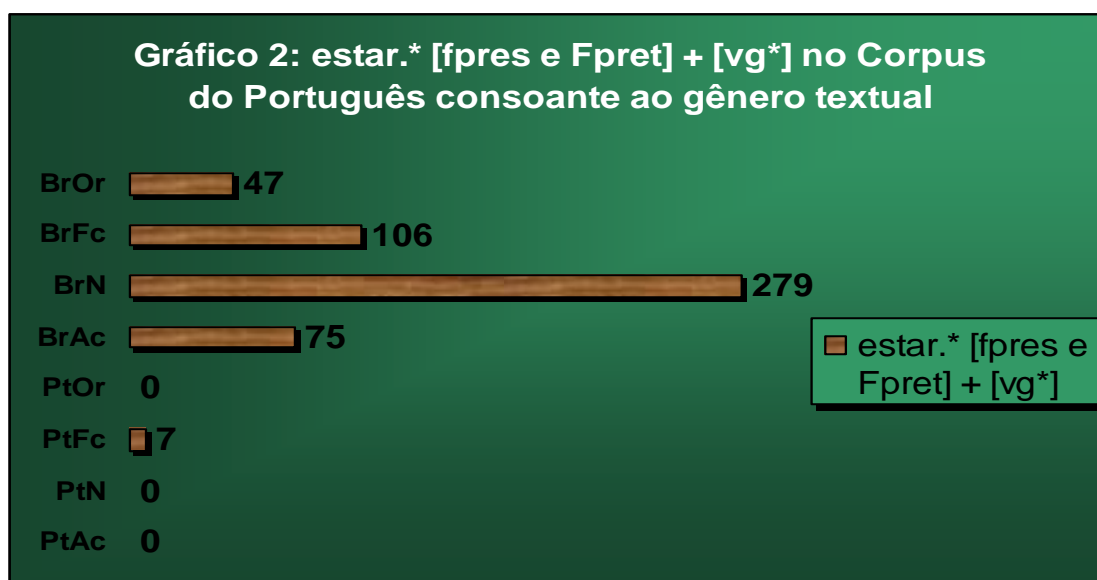


Figura 2 – Gráfico sobre a Produtividade do verbo *estar* + *-ndo* [fpres e Fpret] + [vg*], no CP, nos anos de 1900's, quanto aos gêneros textuais.

Como se observa, em relação aos gêneros textuais, foram encontradas mais perífrases sintéticas do verbo *estar* + *-ndo* nos textos classificados pelo CP como (BrN), ou seja, nas notícias de jornais do Brasil. No (BrOr), isto é, nos gêneros orais do português brasileiro, as ocorrências dessas perífrases foram menores, o que indicaria uma maior predominância das perífrases sintéticas do verbo *estar* + *-ndo* em gêneros textuais escritos ou prototipicamente escritos, visto que suas maiores ocorrências estão presentes no (BrN), no (BrFc) (gêneros de ficção) e no (BrAc) (textos acadêmicos). Até aí, confirmou-se, também, uma suspeita inicial de que as perífrases sintéticas ocorrem, em sua maioria, nesses gêneros. No entanto, não se confirmou que as ocorrências das construções sintéticas diminuiriam a partir dos anos de mil e novecentos's, em detrimento de sua co-ocorrência com a estrutura perifrástica analítica, conhecida como “gerundismo”.

Nos anos de mil e novecentos's, embora se tenha registrado, ainda de forma incipiente, a perífrase analítica do verbo *estar* + *-ndo*, os dados obtidos no CP não revelaram uma suspeita inicial de um espraiamento desse tipo de construção. No entanto, se verifica que o “gerundismo” é um fenômeno bastante presente, sobretudo, nos gêneros textuais prototípicos da língua falada. Mas ainda há uma certa resistência a encontrá-lo nos gêneros prototipicamente escritos ou nos gêneros híbridos, o que se constata nos resultados obtidos desta pesquisa.

Na tabela 2, abaixo, pôde-se verificar, em termos quantitativos, o número de ocorrências encontradas no Corpus do Português das perífrases sintéticas do verbo *estar* + *-ndo* e do “gerundismo”:

Sintaxes – (CP)	anos 1500	anos 1600	anos 1700	anos 1800	anos 1900
estar.* [fpres e Fpret] + [vg*]	7	10	3	70	535
estar.* [fpret] + [vg*]	1	3	0	33	301
estar.* [fpres] + [vg*]	6	7	3	37	234
ir.* estar.* [vg*]	0	0	0	0	19

Tabela 2 – Número de ocorrências entre os anos de 1500's e 1900's das construções sintéticas do verbo *estar* + *-ndo* e da perífrase analítica, o “gerundismo”, no CP.

Conforme visto na tabela 2, acima, o “gerundismo” surge nos anos de mil e novecentos's e suas ocorrências, embora se trate de um fenômeno completamente espraiado na língua portuguesa, são pouco significativas se comparadas às estruturas sintéticas do verbo *estar* + *-ndo*. O Gráfico 3, abaixo, ilustra bem esse resultado:

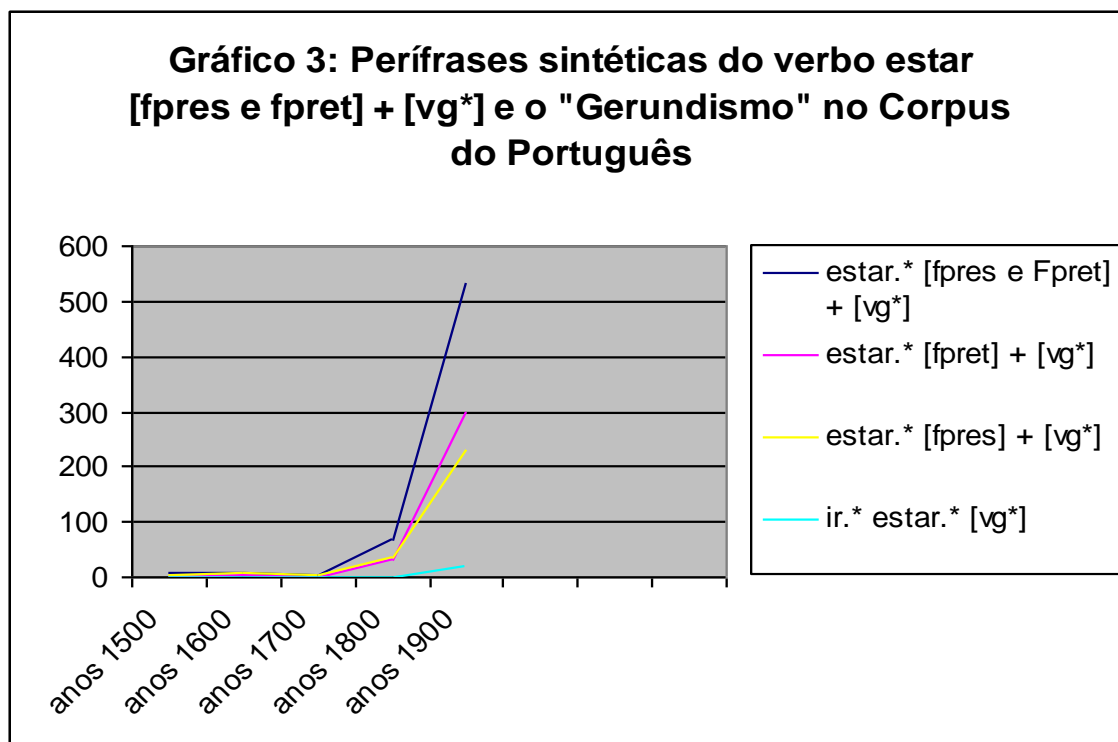


Figura 3 – Gráfico sobre a Comparação entre as perífrases sintéticas do verbo *estar* + *-ndo* e o “gerundismo”, nos anos de 1500’s a 1900’s, no CP.

Com base nos dados do Gráfico 3, acima, podem-se verificar curvas ascendentes tanto para as perífrases sintéticas do verbo *estar* + *-ndo* quanto para o “gerundismo”, nos anos de mil e quinhentos e mil e novecentos’s, para aquelas; e nos anos de mil e novecentos’s, para este. O “gerundismo”, mesmo de forma incipiente, denota, de certa forma, um crescimento, ainda que pequeno no *corpus*, mas diferente do que se observa na sociedade, nos meios de comunicação, na fala cotidiana.

O CP permite a busca, também, nos anos de mil e trezentos e mil e quatrocentos’s. No entanto, nestes períodos, não foram encontradas ocorrências das perífrases sintéticas do verbo *estar* + *-ndo* e, muito menos, do “gerundismo”. Nos anos de mil e novecentos’s, pôde-se visualizar os resultados por gêneros textuais. Assim, tem-se mais ou menos um perfil dos gêneros em que ocorrem as perífrases sintéticas e a analítica do verbo *estar* + *-ndo*. Conforme o Gráfico 4, abaixo, pode-se verificar uma ascendência das perífrases sintéticas e da perífrase analítica em barras crescentes de ocorrências produtivas que se obteve no CP consoante ao gênero textual:

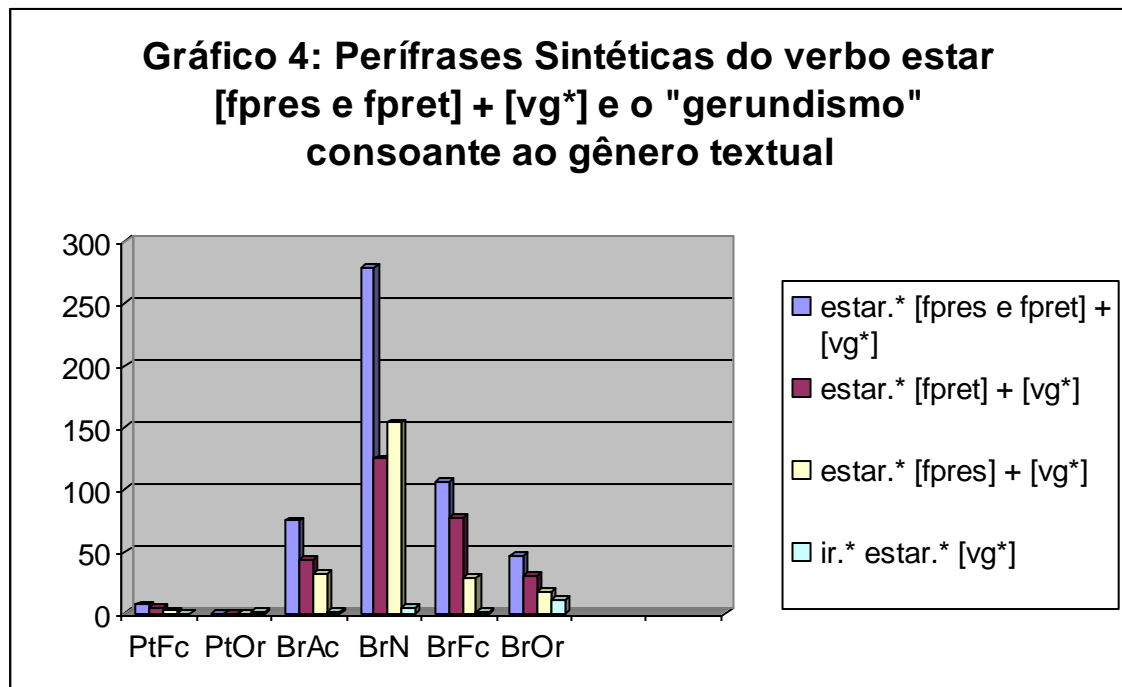


Figura 4 – Comparação entre as Perífrases Sintéticas e a Analítica do verbo *estar* + *-ndo*, no (CP), quanto aos gêneros textuais

O Gráfico 4, acima, não revela uma co-ocorrência equilibrada entre as perífrases sintéticas e o “gerundismo”, mas, pelo menos, já se verifica algum registro deste em alguns gêneros textuais. Foram suprimidos, do gráfico, os gêneros do português de Portugal: (PtAc) (textos acadêmicos) e (PtN) (notícias de jornal), por não apresentarem ocorrências nem para as perífrases sintéticas, nem para o “gerundismo”.

Embora os dados obtidos não tenham sido suficientes para se comprovar uma co-ocorrência entre as perífrases sintéticas e a analítica em mesma proporção, em outras palavras, uma primeira impressão denotaria uma supremacia ou um indício de longa sobrevivência das construções sintéticas no PB. Contudo, em finais de mil e novecentos’s, começa a ganhar força a perífrase analítica (“gerundismo”) em detrimento das sintéticas. O CP não confirma essa informação, mas os meios de comunicação revelam, tanto é que inúmeros programas televisivos chamam atenção, ainda que de forma caricata, a esse fenômeno.

Observa-se que existe uma tendência à ocorrência da perífrase analítica nos gêneros textuais com maiores elementos da língua falada (BrOr), como numa conversação informal ou até uma apresentação mais formal, no caso de palestras, seminários e cerimônias, mas sem tanto “engessamento” na fala ou monitoração constante. Ainda há uma certa resistência para absorver o “gerundismo” nos gêneros

jornalísticos (BrN), mas acontece – sobretudo se for levado em consideração que um jornal possui diversos tipos de cadernos para variados perfis de leitores. Assim, em cadernos cujo compromisso com uma linguagem mais formal seja menor, pode-se observar um maior número de ocorrências de fenômenos lingüísticos ainda em vias de “aceitação”, como é o caso do gerundismo – .

No jornal A Tarde, por exemplo, do dia 13 de julho de 2008, no caderno Revista da Tv, foi encontrada uma ocorrência da perífrase sintética do verbo *estar* + *-ndo* que comprova, ainda, uma resistência para a manutenção das construções sintéticas neste gênero, conforme exemplo(45):

(45) Hoje, às 22h, a TNT e a Band *estarão exibindo*, ao vivo... (p.14). (grifo do autor deste trabalho).

Curiosamente, na Revista Metrópole, da Rádio Metrópole, edição nº13, cuja política editorial é mais flexível, permitindo, inclusive, expressões bastante coloquiais, algumas, até, consideradas como “palavrões”, verifica-se que fenômenos como o “gerundismo” sofrem menos resistência. Um bom exemplo é a resposta do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ao comunicador Mário Kertész, em uma de suas perguntas, cuja presença do “gerundismo” deixa na dúvida se realmente FHC falou daquela forma ou se foi responsabilidade de quem editou / textualizou a matéria. Observe-se no exemplo (46):

(46) A gente *vai estar brindando* o rei enquanto o Luís Eduardo está sendo enterrado? (p. 34). (grifo do autor deste trabalho).

Mesmos as entrevistas de jornais e revistas, normalmente encontradas no CP como (BrN), ainda que também apareçam, em alguns casos, classificadas como (BrOr) – embora possuam um caráter mais próximo da coloquialidade, a menos que se avalie quem se irá entrevistar e as condições pelas quais a entrevista se dará, exigindo, por sua vez, com base numa gramática regulamentadora, uma “monitoração” maior ou menor da fala, ao se tentar “representá-la” na escrita –, tendem a manter certos “engessamentos”, tanto por parte do entrevistador, quanto do entrevistado. Ao saber que se trata de uma entrevista, pode-se “mascarar”, quer conscientemente, quer inconscientemente, a utilização de uma variante ainda estigmatizada pela gramática normativa, como é o caso do “gerundismo”.

A maioria dos exemplos obtidos da estrutura analítica do gerúndio foram do (BrOr), com 10 ocorrências de entrevistas, o que mostra uma relativa mudança em

processo quanto a esse gênero textual. A priori, por se tratar de entrevistas de jornais, o CP deveria ter classificado como (BrN), no entanto, estas 10 ocorrências estão classificadas como (BrOr). No português de Portugal, foi verificada apenas 1 ocorrência de “gerundismo”, fato que justifica uma tendência à não-utilização do gerúndio no PE, muito menos em construções perifrásticas (sintéticas e/ou analíticas). Pelo menos, o que se pôde observar é que esse tipo de construção começa a ocorrer a partir dos finais dos anos de mil e novecentos’s.

Considerando que o CP é um banco de dados cujos gêneros textuais aos quais os *corpora* estão disponíveis não seguem uma proporção igualitária, poder-se-ia privilegiar alguns gêneros em detrimento de outros. Com isso, fez-se necessário consultar um gráfico com a porcentagem de gêneros textuais disponíveis no *site* para verificar se o resultado relativamente baixo para a ocorrência de “gerundismo” se deveria à disponibilidade menor de alguns gêneros no CP, como o (BrOr). Observe-se o Gráfico 5:

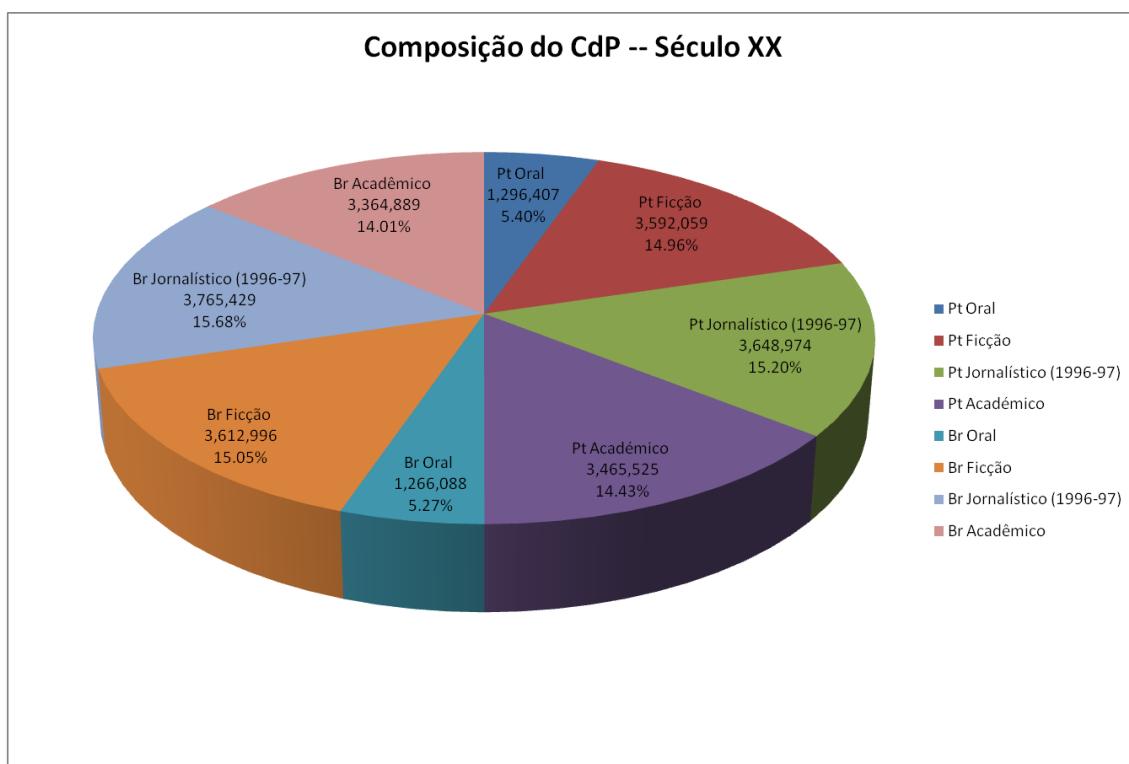


Figura 5 – Gráfico sobre a Composição do CPD do século XX ⁸

⁸ Fonte: FERREIRA, Michael. 2008 – www.corpusdoportugues.org (inédito) – gentilmente cedido pelo pesquisador.

Com base no Gráfico 5, pôde-se verificar que, mesmo o CP possuindo um acervo virtual menor de textos classificados quanto a (BrOr), se comparado com outros gêneros textuais ou com a própria porcentagem deles no *site*, os resultados continuaram apresentando uma relativa proporção de ocorrências de “gerundismo” quanto ao (BrOr), gênero este, em que se suspeitava encontrar um maior número de ocorrências, mas que, pela própria quantidade de *corpus* quanto a este gênero disponibilizada no *site*, não interferiu nos resultados obtidos.

No intuito de reafirmar uma suspeita inicial de que o “gerundismo” vem ocorrendo com as perífrases sintéticas do verbo *estar* + gerúndio, foi criado um *Corpus de Controle*, conforme explicitado na Metodologia. Como o CP não revelou, *a priori*, o que se esperava, fez-se uma seleção de entrevistas e reportagens dos jornais *A Tarde Online* e do *Correio da Bahia Online*. O intuito era verificar se nesses *corpora* se encontrariam mais ocorrências de “gerundismo” do que as que foram identificadas no CP.

Mesmo com um *corpus* menor selecionado, contendo 836 entrevistas e 836.312 palavras reunidas (somando-se as matérias do *A Tarde* e do *Correio*, sendo que 446 entrevistas e reportagens foram do *Correio da Bahia*, totalizando 500.824 palavras e 390 entrevistas e reportagens foram do *A Tarde*, com um total de 335.488 palavras), a esperança era obter um resultado mais satisfatório, em virtude de terem sido colhidos textos da contemporaneidade e também pelas variáveis levadas em consideração, como os cadernos escolhidos e o seu perfil de leitor.

No *Corpus de Controle*, não houve a necessidade de segmentá-lo quanto aos gêneros textuais, pois todo o material foi oriundo de entrevistas *online* dos jornais *A Tarde* e *Correio da Bahia*. O Gráfico 6, abaixo, ilustra a proporção entre as estruturas sintéticas do verbo *estar* + gerúndio e a perífrase estigmatizada *ir* + *estar* + gerúndio, no (CC):

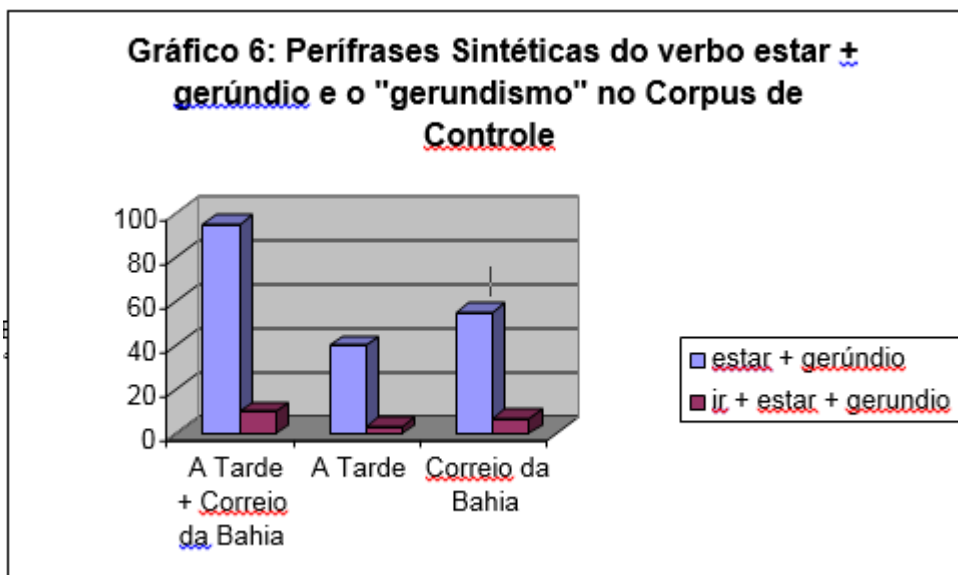


Figura 6 – Gráfico sobre a Comparação entre as perífrases sintéticas do verbo estar + -ndo e o “gerundismo”, no (CC).

Quanto ao volume de *corpus* disponível, pode-se considerar como satisfatório o resultado pois, com menos de 1 milhão de palavras, conseguiu-se encontrar 10 ocorrências de “gerundismo”, sendo 03 ocorrências no JAT e 07 no CB.

Em suma, no CP, foram encontradas 19 ocorrências de “gerundismo”, num *corpus* de mais de 45 milhões de palavras. Ao se construir um CC, com um número bem menor de palavras (menos de 1 milhão), pôde-se encontrar 10 ocorrências da perífrase estigmatizada do gerúndio. Este fato mostra que o “gerundismo” ainda tem uma certa resistência a aparecer em alguns gêneros textuais, sobretudo os prototipicamente escritos, por sua vez, são os mais presentes no CP.

Se o CP tivesse um número maior de textos classificados como (BrOr), é bem possível que o número de ocorrências fosse bem maior. Quanto ao CC, observa-se que, até mesmo num jornal, existem diversos gêneros textuais ali inseridos, alguns mais prototípicos da língua escrita, outros com elementos, também, da língua falada, como são os casos das entrevistas, das reportagens nas colunas de fofoca e nos cadernos de esporte. Provavelmente, caso não se tivesse atentado para essas variáveis, os resultados, no CC, teriam apresentado um número bem menor, ou, até mesmo, não apresentado ocorrências de “gerundismo”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma nominal do gerúndio, em variados momentos da história da língua portuguesa, quer por razões estilísticas, quer por motivações pragmáticas, parece sempre ter sofrido estigmatização por parte dos gramáticos normativistas, como convém a eles e, conseqüentemente, pela sociedade que seguia e continua seguindo suas cartilhas. O gerúndio, normalmente, quando estigmatizado, se apresentava em estruturas monoverbais, ou seja, sem estar acompanhado de outros verbos.

O que se observa, no português brasileiro contemporâneo, é uma condenação ao uso do gerúndio em perífrases conhecidas como “gerundismo”, sem maiores fundamentações, sobretudo com análises impressionísticas, infundadas, a respeito desse fenômeno de variação e inovação linguística.

Ao se tentar comprovar seu espraiamento na LP do Brasil, fato que já é vigente na sociedade e nos meios de comunicação, verificou-se uma certa resistência quanto a alguns gêneros textuais na assimilação desse fenômeno, sobretudo os prototipicamente escritos, majoritariamente presentes no CP. No CC, pôde-se constatar que a questão dos gêneros textuais realmente influencia no número de ocorrências encontradas para um fenômeno lingüístico em vias de aceitação, portanto, ainda estigmatizado. Assim, nas entrevistas de jornal, gênero este, com maiores elementos da língua escrita, mas que, a depender do grau de formalidade / informalidade de uma entrevista, por exemplo, do monitoramento da fala do entrevistado e da transcrição do entrevistador, pode reunir traços da língua falada que denunciem um fenômeno de variação / inovação lingüística, como é o caso do “gerundismo”.

Suspeita-se que o gerúndio não seja o “causador” do estranhamento inicial que essas estruturas carregam, mas, sim, o verbo *ir*, que adquiriu um caráter morfemático de futuro, em prol de uma tendência mais analítica do português, na contramão das construções sintéticas do verbo *estar* (no futuro do presente ou do pretérito) + o gerúndio de outro verbo. Assim, caberia um olhar mais atento sobre as construções analíticas envolvendo o gerúndio, quanto a uma categorização de um caso de “gerundismo”, bem como uma análise sobre estruturas perifrásticas similares a ele mas que, no entanto, não recebem ou sofrem estigmatização.

Talvez, até, seja um caso de *IRISMO*, conforme dito ao longo do trabalho, mas também deve-se levar em consideração que, assim como o gerúndio não deve carregar o estigma da estrutura, não seria justo legar, talvez, somente ao verbo *ir* essa responsabilidade. Portanto, propõe-se uma denominação de *IRINDO*, em que pese uma análise não apenas do gerúndio nestas construções – como os gramáticos fazem quanto a questões de natureza aspectual, em que se condena um determinado verbo por possuir características de perfectividade que contrastam com o aspecto imperfectivo do gerúndio – mas, também, do verbo *ir*, em que ambos assumiriam uma mesma “responsabilidade”, se é que assim se pode falar, quanto à estigmatização da estrutura perifrástica, o “gerundismo”.

A presente pesquisa demonstrou que há a necessidade de se investigar o papel do gerúndio nas construções estigmatizadas conhecidas como “gerundismo”, bem como o verbo *ir*, que adquiriu caráter morfemático de futuro e que também contribui para o “estranhamento” que se tem dessas construções. Vale ressaltar que o “gerundismo” vem sendo analisado de forma imprecisa, reducionista e impressionista. Caberia um olhar mais científico sobre este fenômeno de variação lingüística, no que diz respeito à sua co-ocorrência com as construções sintéticas e como fenômeno de inovação lingüística, no qual novos contextos situacionais o legitimam pragmaticamente.

REFERÊNCIAS

- ALI, Manuel Said. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 6ªed. melhorada e aumentada. Edições melhoramentos. São Paulo, 1966.
- ALI, Manuel Said. **Investigações Filológicas**. Estudo e organização de Evanildo Bechara. 3. ed. rev e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 33. ed. São Paulo: Saraiva, 1985.
- BARBOSA, Jorge Morais. Sistemas Verbais Portugueses. **Revista Portuguesa de Filologia**. Coimbra, Vol. XXI, 1996-1997.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. 16. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BRANDÃO, C. **Sintaxe Clássica Portuguesa**. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.
- CAMARA JR, J. Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CAMARGO, Thaís Nicoleti de. Uma hipótese sobre o gerundismo. **Folha Online**, Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/noutraspalavras/ult2675u15.Shtml>> Acesso em 26/10/2007.
- CAMPOS, Odette Altmann de Souza. **O gerúndio no português: estudo histórico-descritivo**. Brasília: INL, Rio de Janeiro: Presenca, 1980. 126 p.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 40. ed. melhorada e ampliada. São Paulo: Editora Nacional, 1997.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. **O Aspecto em Português**. São Paulo, Contexto, 1990. – (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).
- COSTA, Sônia Bastos Borba. Viva a Fala Brasileira! **A Tarde**, Salvador, 16 jun. 2007. Caderno Cultural, p. 11.
- CUNHA, Celso. LINDLEY CINTRA, Luís F. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 2. ed. 43. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. (2006-) Corpus do Português (45 Milhões de palavras, sécs. XIV-XX). Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em 12/05/2008.

DISTRITO FEDERAL (Brasília). Decreto nº 28.314, de 28 de Setembro de 2007. *Lex*: Demite o Gerúndio do Distrito Federal, e dá outras providências, DODF, Brasília, 28 set. 2007.

FONTES, Malu. A Confiança Perdida, a Barbie e os jegues. **A Tarde**, Salvador, 19 ago. 2007. Revista da TV.

ILARI, Rodolfo. **A Expressão do Tempo em Português**. São Paulo: Contexto: EDUC, 1997. (Repensando a Língua Portuguesa).

LENZ, Rodolfo. La Oración y sus partes. 3. ed. Madri, **Revista de Filología española**. 5, (1935), p. 396.

LIMA COUTINHO, Ismael de. **Pontos de Gramática Histórica**. 7. ed. revista. Rio de Janeiro: Ed. Livro Técnico S/A – Indústria e Comércio, 1976.

LOPES, Jasmária. **Orações Gerundivas Adjetivas no Português do Brasil**. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de Brasília, Brasília.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. 2. ed. rev. e atual. Supervisão Lya Luft; org. Marcelo Módolo; consultoria técnica Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2002.

LUNGUINHO, Marcus Vinícius da Silva. **A ordem dos verbos auxiliares**: uma análise em termos de traços. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de Brasília, Brasília.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Gerundindo. **Jornal Número G**, [s.l.], ano 1, n.1, maio/junho de 2005.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio. Sob (re) a alegada “decadentização”. **A Tarde**, Salvador, 16 jun. 2007. Caderno Cultural, p.07.

MARCUSCHI, Luis Antônio. O que é língua falada e qual a sua gramática? Desfazendo alguns equívocos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA, 19 a 23 jul. 2004, Instituto de Letras da UERJ, p/ publicação nos anais do evento. (inédito).

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A Língua Brasileira está mais próxima do português antigo. **A Tarde**, Salvador, 21 dez. 1991. Caderno Cultural.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Verbos de Inventário Finito seguidos de formas nominais no português arcaico: descrição e análise. In: **Anthony Julius Naro e a Lingüística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Org. Sebastião Votre e Cláudia Roncarati. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2008.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Estruturas Trecentistas**: elementos para uma gramática do português arcaico. [Rio de Janeiro]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, [1989].

MIRA MATEUS, Maria Helena. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

PERINI, Mário A. **Gramática Descritiva do Português**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1996.

PERINI, Mario A. **Sintaxe portuguesa**: metodologia e funções. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. 248 p.

PONTES, Eunice. **Verbos Auxiliares em Português**. Petrópolis: Vozes, 1973.

POSSENTI, Sírio. Defendendo o Gerúndio. In: **Discutindo Língua Portuguesa**. Ano I, nº 1, Escala Educacional ISSN 1809-0230 (s/d).

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**; prefácio de Serafim da Silva Neto. 36. ed. retocada e enriquecida. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

RODOLFO DALGADO, Sebastião. **Dialeto Indoportuguês de Ceilão**. (s/e): Lisboa, 1900. p. 88-99.

SOUZA, Mariza Mencialha (UFRJ). Formas Verbo-Nominais Latinas - Ressonâncias em Português. In : CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 7., 2003, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. Disponível em: < <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno11-08.html> >. Acesso em: 23 out. 2007.

ANEXOS

ANEXO 1

DISTRITO FEDERAL (Brasília). Decreto nº 28.314, de 28 de Setembro de 2007

Demite o Gerúndio do Distrito Federal, e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

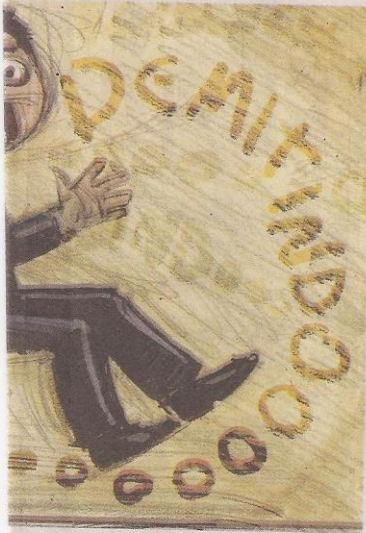
Art. 1º - Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2º - Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.
119º da República e 48º de Brasília
JOSÉ ROBERTO ARRUDA



LÍNGUA | Governador baixa decreto "demitindo" o tempo verbal em Brasília

Mau uso do gerúndio vai parar em diário oficial

ZEZÃO CASTRO

zcastro@grupopostarde.com.br

No início da semana, uma notícia deixou intrigados alguns cidadãos do País. Em Portugal, houve até quem achasse que era piada. De brasileiro, naturalmente. O fato é que o governador José Roberto Arruda (DEM-DF), tomou uma medida drástica contra a língua lusitana falada no Brasil. Através do Decreto Estadual nº 28.314, ele simplesmente "demitiu o gerúndio do Distrito Federal". Simples assim.

Possivelmente houve quem perguntasse sobre este tal de gerúndio, já que o texto do decreto de demissão grafa o termo letra maiúscula. Seria algum funcionário público estadual, provável filho de Gertrudes com Raimundo? Misturebas à parte, não se trata disto.

Foi mesmo o modo verbal que acabou sendo simplesmente guilhotinado nas repartições públicas estaduais. Muitos devem ter sorriso (ou podem estar sorrindo), outros nem balançaram a cabeça (ou podem estar balançando neste exato momento). Mas o fato é que "gerúndio" está no olho da rua. Haveria uma justa causa para tal?

Lendo o texto do decreto, en-

“Quem é ele para decretar que o gerúndio não poderá ser usado?”

Rafael Serafim, aluno do curso de letras vernáculas, que escolheu o uso do gerundismo como tema de trabalho de conclusão de curso no bacharelado I

úteis, por assim dizer, e não ficar cassando a forma verbal.

“Tem coisas mais importantes a serem proibidas, a exemplo da violação de painéis”, alfineta a professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia (Ufba), América César. Além de considerar “uma proibição absolutamente



ANEXO 2



IMBATIVEL

PREÇO IMBATIVEL

90 MENORES CADA

GARANTIA PHILIPS

A VISTA: R\$ 699,00

TOTAL À PRAZO: R\$ 1.348,50

PHILIPS DVD

da tua. Haveria uma justa causa para tal?

endo o texto do decreto, entretanto, dá para vislumbrar uma pista expressa no Artigo 2º sobre o porquê de tanta raiva de um tempo verbal que acrescenta o sufixo “ando”, “endo”, “indo” ou “ondo” ao radical dos verbos: “Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de ineficiência”. Está lá, na página 19 do Diário Oficial de Brasília do dia 1º de outubro de 2007.

Ineficiência. É que José Roberto Arruda, em verdade, acabou perdendo a paciência com a burocracia em relação ao seus próprios pedidos: ele pedia um documento aqui e ouvia a frase: “Vou estar terminando”. Um ofício ali e já uma resposta: “Vou estar concluindo”. Uma nova medida acolá e retrucavam: “Vou estar informando”. Ao fim, nada de os pedidos da autoridade máxima do executivo distrital federal serem atendidos.

Segundo a assessoria de imprensa do governo do Distrito Federal, o decreto que aniquila o modo verbal é uma provocação. A idéia principal seria atacar a típica burocracia dos governos. Começando pelo dele, naturalmente. Cortando na própria carne, para repetir um jargão do presidente Lula. José Roberto Arruda é mais conhecido pelos baianos pelo seu envolvimento, junto com o ex-senador Antonio Carlos Magalhães, morto em julho deste ano, no episódio conhecido como violação do painel do Senado em 2001. Os dois políticos tiveram que renunciar para não serem cassados.

Entre os estudiosos da língua portuguesa, entretanto, o político deveria baixar decretos mais

de Federal da Bahia (OUBA), América César. Além de considerar “uma proibição absolutamente estranha”, a docente explica que o decreto encerra um equívoco em seu texto. “Não se trata do gerúndio o que está sendo questionado, mas do gerundismo, que significa a colocação de dois verbos, – geralmente o verbo ir mais o verbo estar – seguido de um verbo no gerúndio”, explica ela.

Apesar da gramática e dos decretos leis regulando as normas da escrita e da fala, há uma corrente dentre os acadêmicos estudiosos da língua portuguesa que crê na mutabilidade constante da língua, através do seu uso e da influência das diferentes culturas que se misturaram à matriz linguística, no caso, a portuguesa. Não há certo nem errado, apenas o adequado.

Prestes a concluir o bacharelado em letras vernáculas, o estudante universitário Rafael Serafim tem como tema justamente o uso do gerundismo. Sobre a teoria de que o uso aparece no cotidiano dos funcionários de telemarketing (com frases do tipo: “Vamos estar enviando o carnê amanhã”), ele crê que se trata de um fato carente de comprovação, embora seja corriqueiro.

“É um tipo de construção presente não só na fala dos operadores de telemarketing, mas em outros profissionais e em camadas populares também”, detalhou Rafael Serafim. Sobre a intenção do político manifestada no decreto, ele pergunta: “Quem é ele para decretar que o gerúndio não poderá ser usado? Ele quer é expurgar uma responsabilidade dos políticos, da Câmara e do Senado, e com isso vai criar apenas uma eficiência utópica”, diz.

DECRETO Nº 28.314, DE 28 DE SETEMBRO

Demite o gerúndio do Distrito Federal e dá outras providências

<p>O governador do Distrito Federal, no uso das atribuições que lhe confere o Artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, decreta:</p> <p>Art. 1º Fica demitido o gerúndio de todos os órgãos do governo do Distrito Federal. I</p> <p>Art. 2º Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa</p>	<p>de ineficiência. I</p> <p>Art. Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.</p> <p>Art. 4º Revogam-se as disposições em contrário. I</p> <p>Brasília, 28 de setembro.</p> <p>119º da República e 48º de Brasília</p> <p style="font-size: small;">Fonte José Roberto Arruda</p>
--	--

Teleanálise

MALU FONTES

maluzes@uol.com.br

A praga das bobagens solenes

Volta e meia, a vida cotidiana é invadida por determinadas formas de falar que são um verdadeiro mistério no que se refere às razões que levam as pessoas, de repente, a começarem a usar as mesmas expressões lingüísticas esquisitas. E não estou me referindo às gírias ou expressões, mas a determinadas construções verbais que surgem como uma praga e contaminam os incautos que, por achar que aquilo é certo e até mesmo chique, começam a repeti-las. Quem há de explicar por que há cerca de dez anos qualquer pessoa metida a articulada começou a sair por aí repetindo a toda hora e em qualquer contexto a famigerada expressão "a nível de"? Todo mundo usava essa expressão brega e muitos continuam a usá-la, equivocadamente, como sinônimo de "em termos de", "no âmbito de".

Ligamos a televisão e, freqüentemente, ainda vemos médicos, intelectuais, jornalistas e, pasmem, professores universitários, dizendo coisas como "a nível de Brasil", "a nível de Bahia", a nível disso, a nível daquilo. Como explicar o fato de uma expressão incorreta se espalhar e ser tão usada por pessoas com escolaridade razoável? E não venham dizer que é coisa de gente pobre e analfabeta, pois os adeptos do famigerado "a nível de" são, geralmente, de classe média para cima. É improvável ouvirmos um analfabeto usando a expressão. De tanto os gramáticos e consultores do uso da língua portuguesa atacarem o uso, ela começa a cair de moda.

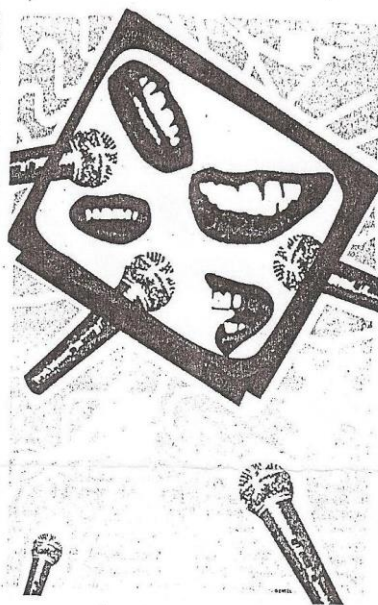
GERUNDISMO - No entanto, eis que, mais recentemente, estamos todos sendo assolados por uma praga lingüística muito pior: a febre do uso errado, feio e brega do gerúndio, um aleijão da fala que já tem até nome crítico: gerundismo. E quem pensa que não sabe o que é gerundismo, está enganadíssimo. Sabe,

só não está associando o nome à coisa. Se nos últimos anos você estava no Brasil e teve que ligar para um hospital, empresa de telefonia, de cartão de crédito ou teve que ouvir algum treinamento na área empresarial, sabe sim. "Eu vou precisar estar anotando o seu nome para que, posteriormente, nós possamos estar entrando em contato para podermos estar agendando uma data para o senhor/a senhora estar recebendo" isso ou aquilo.

Tem algo mais enjoado, feio e ridículo do que uma pessoa, com a voz impostada e fazendo o tipo inteligente e articulado, falando desse modo? E é batata: quem fala assim sempre carrega dentro de si uma limitação intelectual indistigável e diretamente proporcional à vontade de mostrar uma erudição lingüística que não tem.

Esse mau gosto da língua, dizem, nasceu na fala dos operadores de telemarketing. E por falar nessa categoria, ela, em si, merece algumas linhas. Trata-se de uma função que parece ter surgido com o único objetivo de estimular a loucura e a perda da paciência do cidadão cliente, consumidor ou usuário de um serviço.

IRRITAÇÃO - O poder do cliente no Brasil, com raríssimas exceções, começa quando ele entra na loja e acaba quando estende a mão e entrega o dinheiro, o cheque ou o cartão de crédito. Efetuada a operação comercial, só resta mesmo rezar para que o produto adquirido não apresente defeito. Se apresentar, seremos introduzidos ao mundo insuperável dos operadores de telemarketing que, justamente para nos irritar, adotaram essa linguagem ridícula. Ao invés de perguntas e respostas objetivas, brindam nossos ouvidos com frases do tipo: a senhora precisa estar entrando em contato com o serviço x ou y para que eles possam estar lhe orientando. Sem esquecer



de pronunciar pérolas lingüísticas como: qual "seria" o seu nome completo? Acrescente um sobrenome carregado do Centro-Sul do País e está pronta a fórmula da irritação no grau máximo.

Mas o mistério mesmo é explicar como pessoas escolarizadas e que nunca trabalharam na vida como operadores de telemarketing, podem, de uma hora para outra, voluntariamente, adotar o vício de falar desse jeito. E não venham dizer que a culpa é da televisão, pois, de modo geral, as falas que vemos na tv, sobretudo nas novelas e

nos programas de jornalismo (que, juntos, são os campeões de audiência), essa prática lingüística não é comum. Agora, basta entrar um vendedor de qualquer coisa nesses programas de auditório ou ouvir os entrevistados da maioria dos programas, que nossos ouvidos pedem socorro.

SEM NOÇÃO - Recentemente uma revista fez uma lista de celebridades contempladas com o troféu "pessoa sem noção". São essas pessoas equivocadas, que se acham e, de tão ridículas, se aproximam do constrangedor. Um

exemplo, só para entender: Gretchen anunciando um produto emagrecedor e dizendo que o uso deixa o suor perfumadíssimo e que aquele é o seu segredo de beleza. Que beleza? Suor perfumado?! Mais sem noção, impossível. Pois bem, o conceito deve ser estendido às pessoas, celebridades ou não, que saem por aí repetindo a ladainha do gerundismo.

Mas de uma coisa não dá para discordar: o gerundismo é um recurso fabuloso para quem não tem o que dizer, não tem informação ou quer enrolar. As frases ficam longas, enroladas e são um prato cheio para quem quer falar empolado, pensando que convence os incautos do contrário. E os meios de comunicação estão repletos de gente inócua que se acha e se mete a opinar sobre qualquer coisa, mesmo que pouco saiba sobre o assunto. Quem nunca viu homens e mulheres de mídia, de fala impostada, falando nada mais do que bobagens de modo solene? São entrevistados sem informação consistente para abordar os entrevistados, apresentadores que não têm opinião formada sobre nada mas que jamais se eximem de opinar e entrevistados que não respondem nada por falta de conhecimento.

Seja na tv, nas revistas de celebridades ou no rádio, não importa o tema, seja a crise do mercado de trabalho ou os efeitos da tsunami nas relações de cooperação internacional, lá estão eles, pousando de sérios e falando bobagens solenemente. Como não têm muito a dizer, lançam mão do gerundismo, para a frase ficar mais compridinha. Tudo muito bem traduzido por uma canção do rock brasileiro dos anos 80: eu presto atenção ao que eles dizem, mas eles não dizem nada...

Malu Fontes é jornalista, doutora em Comunicação e Cultura pela Ufba e coordena o curso de Relações Públicas da FTC.

A TARDE

OPINIÃO
editor
Jary Cardoso

OPINIÃO

opinio@grupoatarde.com.br

ARTIGOS

SALVADOR, DOMINGO, 27/10/2007

3

Maldito gerúndio

HÉLIO PÓLVORA

O Diário Oficial do governo do Distrito Federal publicou e é lei: foi morto e sepultado sem pompas, pelo menos no Planalto Central, o gerúndio. Sem o acompanhamento de nenhum advérbio, ou palavra com sentido adverbial. E sem o pranto de adjetivos disfarçados. Um enterro anônimo, apenas o gerúndio e o cozeiro, que não era gramático e atirou-lhe de bom grado pazadas de terra. Não me refiro a nenhuma viciosa prática legislativa, mas a uma corrupção da boa escrita, do estilo claro, preciso e elegante. Aplicou-lhe golpe mortal o governador do DF, José Roberto Arruda, com uma simples penada. O gerúndio perdeu suas funções no serviço público. Foi demitido em decreto de quatro linhas e quatro artigos, que o governador, de caneta em riste, assinou, depois de revogar, naturalmente, todas as disposições em contrário.

Reza o decreto: "Fica demitido o gerúndio de todos os órgãos do governo do Distrito Federal". O artigo segundo do decreto liga o gerúndio à deficiência verificada no serviço público. "Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de ineficiência".

Palmas para o governador. Seus assessores comentaram que ele "estava enlouquecendo" (olha o gerúndio! Por que não dizer, de maneira mais sucinta, que "ele enlouquecia"?) com os prolegômenos, os atalhos, a linguagem enxundiosa e estilisticamente de baixa qualidade. De acordo com os mesmos informantes, o governador se impacientava com "a lentidão e a burocracia que estão

emperrando as obras em sua administração". Novamente o obsessivo gerúndio: por que não dizer "que emperram"? A economia de meios na gestão pública deve incluir o palavreado oficial.

Mas o governador planaltino estourou mesmo foi quando a equipe lhe respondeu às críticas: "Vamos estar tomando providências". Era o gerúndio, o malfadado e tortuoso gerúndio a causar enchesques verbais. Seria o caso de responder a Sua Excelência: "Vamos providenciar". Ou então: "Tomaremos providências". Mas não; o gerúndio rabeou mais que busca-pé em festa junina.

A colunista Dora Kramer esclareceu neste jornal que a demissão do gerúndio não é inédita no serviço público. Em 2006, o então prefeito de São Paulo, José Serra, proibiu expressões do tipo "vou estar providenciando", que lhe batiam com frequência à mesa.

Do gerúndio é bom correr às léguas. Esse tempo verbal, já chamado de participio presente, atravanca e atropela a escrita, tira-lhe a possível graça, o desejado encanto. Textos que sem ele teriam sabor, com ele adquirem gosto de palha. Ainda não sei se perdoei inteiramente Camões por aquele "Cantando, espalharei por toda parte", no final da primeira oitava de Os Lusíadas.

Há quem inicie frases pelo gerúndio -- e, ainda assim, se considere escritor de primeira. Eu dou voltas, tomo atalhos, sigo veredas apenas para não topar com ele. Mas, quanto bem empregado, o gerúndio adquire a majestade dos males irremediáveis. De qualquer modo, abaixo o gerúndio, sobretudo nas conjugações perifrásticas e na prosa tipo relatório: "Considerando que..."

HÉLIO PÓLVORA | Escritor, membro da Academia de Letras da Bahia. E-mail: heliopolvora@superig.com.br

Montesquieu e o Senado

ARMANDO AVENA

Definitivamente, o Brasil é o País do bode. Aqui, quando um bode é surpreendido nos corredores do Senado da República, ao invés de se exigir sua expulsão imediata e explicações de como ele ali chegou, intelectuais, políticos e até um partido político sugerem coisa melhor: a extinção

Piauí e, ainda assim, por causa do limite, sente-se sub-representado.

No Senado representa-se a Federação e aí, independentemente do tamanho de sua população, cada Estado-membro tem a mesma representação, ou seja, três senadores. Ora, extinguindo-se o Senado todas as matérias que se

Canal de idéias

A retórica no call center

FITO SIENA

Recentemente, foi publicado um comentário na coluna da excelente Malu Fontes na RTV, e eu não poderia deixar de tecer a minha análise do que me chamou mais a atenção: quando a jornalista falou da questão do gerundismo, utilizado principalmente pelos operadores de telemarketing.

Como trabalho na área e sou graduando em Letras pela Ufba, tenho interesse pelo assunto e observo o fato basicamente sobre duas óticas: a primeira, de acordo com o que vivencio na empresa, lidando diretamente com o público; a segunda, por reconhecer que o tema pode ser bem explorado no meio acadêmico.

Profissionalmente, o gerundismo pode não ser uma erudição inteligente, ou uma falsa erudição, como disse a colunista, mas desde que cumpra o seu papel enquanto poder de convencimento, os fins passam a justificar os meios. Advogados continuam utilizando a famosa expressão "a nível de" e nem por isso deixam de ganhar as suas causas.

Jornalistas também utilizam

de sua persuasão como formadores de opinião. Num Call Center existem metas a serem atingidas, como o número de ligações atendidas, o tempo de atendimento, a satisfação do cliente e a produtividade. É aí que o gerundismo pode vir como um instrumento eficiente. Por exemplo, na hora de reter um cliente na operadora de telefonia celular. Ou quando tentamos convencê-lo de que a sua fatura, em que foi cobrado R\$ 600 por uma ligação local com duração de 1 minuto, está correta.

Estamos corrompidos pelo capitalismo e meu estômago fala mais alto. Quem vai bancar minha ponte-terrestre (para não dizer buzu) casa-faculdade-trabalho? Claro que tudo tem um limite, mas; desde que não cometa algo ilícito, farinha pouca, meu pirão primeiro!

Agora, como estudante de letras, tenho uma visão mais aberta da língua portuguesa. Arriscaria até chamá-la de língua brasileira, pois criamos um contexto de tantas novas significações que, às vezes, fica difícil entender por que ainda dizem português e não brasileiro. Para mim, não existe o con-

ceito de falar certo ou errado.

Quem estuda lingüística sabe do que estou falando. Desde que o processo de comunicação se estabeleça, a transmissão da mensagem é o que é mais relevante. O gerundismo é uma inovação lingüística polêmica, normativamente considerado incorreto, no entanto, muito produtivo devido às inúmeras possibilidades de realizações na língua "portuguesa".

Somente isso já lhe atribui um caráter engrandecedor. Seria interessante fazer um estudo para verificar como essas novas construções surgiram e suas consequências no campo semântico. Isso é fazer ciência. Ciência é investigação, contestação, hipóteses, teorias, novas descobertas...

O gerundismo pode ser uma utopia da elocução, todavia, rico em novas possibilidades de construção de uma oração. É curioso notar o caminho inverso que percorre, especialmente em relação aos atalhos lingüísticos que utilizamos e quase não percebemos.

Fito Siena é pseudônimo de um estudante que trabalha em call center e prefere omitir a identificação por razões profissionais.

via E
R - C
seu c

Inte

Co

jorna

indig

divul

"talz

parti

atôni

jorne

sem

(med

"talz

baia

José

via e

R - J

Wyll

de A

trata

■ E

■ C

22

■ X

Be

■ D

Ja

■ F

01

■ E

Os

CAÇA AO GERUNDISMO

A Campanha "Caça ao Gerundismo", desenvolvida pela área de Recursos Humanos da Atento Brasil, empresa de contact center, já reduziu 80% do uso incorreto do gerúndio no atendimento. A campanha teve início no segundo semestre do ano passado e vem sendo realizada com 53 mil funcionários da empresa. A meta é aperfeiçoar o atendimento ao cliente, extinguindo definitivamente o uso inadequado dessa forma de linguagem.

O ponto alto da campanha é o dia "D", quando os funcionários são convocados para palestras e aulas de Português. O grande diferencial é a forma lúdica utilizada para envolver os atendentes. Durante a semana que antecede o treinamento, mensagens, cartazes e lembretes são utilizados para avisar a chegada do dia "D". As aulas são interativas e os professores utilizam o teatro e a música para enfatizar a conscientização contra esse vício de linguagem. Após o treinamento, a equipe de profissionais de Recursos Humanos da empresa realiza periodicamente o monitoramento dos teleoperadores por meio de provas.

"A Atento está preocupada em oferecer aos seus funcionários orientação especializada para um aprendizado seguro e consistente que os permita multiplicar este conhecimento no atendimento ao cliente, bem como em suas casas", afirma Cleide Paranhos, vice-presidente de recursos humanos, da Atento Brasil.

Site www.consumidormoderno.com.br, 17 de março.



Aplice esta idéia também em seu empreendimento. Os vendedores agradecerão a oportunidade para se capacitar e os clientes notarão a diferença do atendimento. Com isso, o desempenho das vendas será significativo.

ANEXO 7

Gerundismo

Ricardo Freire

Aqui vai a última flor do Lácio:

Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando e possa estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o gerundismo. Você pode também estar passando por fax, estar mandando pelo correio ou estar enviando pela *Internet*.

O importante é estar garantindo que a pessoa em questão vá estar recebendo esta mensagem, de modo que ela possa estar lendo e, quem sabe, consiga até mesmo estar se dando conta da maneira como tudo o que ela costuma estar falando deve estar soando nos ouvidos de quem precisa estar escutando.

Sinta-se livre para estar fazendo tantas cópias quantas você vá estar achando necessárias, de modo a estar atingindo o maior número de pessoas infectadas por esta epidemia de transmissão oral.

Mais do que estar repreendendo ou estar caçoando, o objetivo deste movimento é estar fazendo com que esteja caindo a ficha das pessoas que costumam estar falando desse jeito sem estar percebendo.

Nós temos que estar nos unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que, sim, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito. Até porque, caso contrário, todos nós vamos estar sendo obrigados a estar emigrando para algum lugar onde não vão estar nos obrigando a estar ouvindo frases assim o dia inteirinho. Sinceramente: nossa paciência está ficando a ponto de estar estourando.

O próximo "Eu vou estar transferindo a sua ligação" que eu vá estar ouvindo pode estar provocando alguma reação violenta da minha parte. Eu não vou estar me responsabilizando pelos meus atos.

As pessoas precisam estar entendendo a maneira como esse vício maldito conseguiu estar entrando na linguagem do dia-a-dia.

Tudo começou a estar acontecendo quando alguém precisou estar traduzindo manuais de atendimento por *telemarketing*. Daí a estar pensando que "*We'll be sending it tomorrow*" possa estar tendo o mesmo significado que "Nós vamos estar mandando isso amanhã" acabou por estar sendo só um passo.

Pouco a pouco a coisa deixou de estar acontecendo apenas no âmbito dos atendentes de *telemarketing* para estar ganhando os escritórios. Todo mundo passou a estar marcando

reuniões, a estar considerando pedidos e a estar retornando ligações. A gravidade da situação só começou a estar se evidenciando quando o diálogo mais coloquial demonstrou estar sendo invadido inapelavelmente pelo gerundismo.

A primeira pessoa que inventou de estar falando "Eu vou tá pensando no seu caso" sem querer acabou por estar escancarando uma porta para essa infelicidade lingüística estar se instalando nas ruas e estar entrando em nossas vidas. Você certamente já deve ter estado estando a estar ouvindo coisas como "O que cê vai tá fazendo domingo?" ou "Quando que cê vai tá viajando pra praia?", ou "Me espera, que eu vou tá te ligando assim que eu chegar em casa".

Deus, o que a gente pode tá fazendo pra que as pessoas tejam entendendo o que esse negócio pode tá provocando no cérebro das novas gerações?

A única solução vai estar sendo submeter o gerundismo à mesma campanha de desmoralização à qual precisaram estar sendo expostos seus coleguinhas contagiosos, como o "a nível de", o "enquanto", o "pra se ter uma idéia" e outros menos votados.

A nível de linguagem, enquanto pessoa, o que você acha de tá insistindo em tá falando desse jeito?

Matéria publicada na coluna "Xongas", de *O Estado de S. Paulo*, em 16 de fevereiro de 2001

Autor: Ricardo Freire - e-mail: ricardo@freires.com.br